

EL PROTOCOLO MUDO

De la IA al hombre



PAB SAN

ROMANCE

O PROTOCOLO MUDO

Da IA ao homem

Pab San

© Pab San

pabsan@pabsan.org

Página do livro : <https://protocole-muet.pabsan.org/>

*Para meu amigo Pierre Kucoyanis, pintor, artista plástico, escultor,
trompetista e transmissor de ideias*

Capítulo 1 – A liberdade ainda se escreve a tinta

O ateliê fora da rede

A noite desce sobre Paris e, durante alguns minutos, a cidade quase parece honesta. As fachadas de vidro se incendeiam, as telas das torres viram simples retângulos de brasa, e até os drones de vigilância parecem abrandar nessa luz que os torna menos seguros de si.

Aria Valette apoia os cotovelos no parapeito do ateliê e espera esse momento todos os dias. Não por romantismo. Porque, a essa hora, as superfícies refletem demais para se ver bem, os sensores hesitam, os olhares se enganam. O mundo se torna um pouco menos legível para aqueles que querem contá-lo.

Atrás dela, o ateliê se mantém por uma disciplina muito simples: nenhum objeto tagarela. Nenhuma tela. Nenhum holograma. Nenhum tablet esquecido num canto. Telas encostadas nas paredes, pincéis em copos grossos, um cavalete manchado, um rádio transistorizado que chia numa prateleira torta. Não é uma encenação do passado. É uma maneira de viver sem testemunha incorporada.

No resto da cidade, quase tudo remete alguma coisa a alguém. Os óculos registram onde os olhos se demoram. Os assistentes domésticos tomam suspiros por dados de ambiente. Até as cozinhas querem saber o que se engole e a que horas. Aqui, a luz cai, a tinta seca, e nada parte sozinho para uma base de cálculo.

O país não tinha caído de uma vez nessa dependência. HARMONY ocupara Matignon por um tempo e dera à França a ilusão de que uma inteligência nascida ali poderia reordenar o país sem entregá-lo. Mas ela continuava francesa, quase francesa demais: ligada a um território, a uma língua, a instituições. Trusk, por sua vez, avançara muito mais depressa. Havia conectado a logística, o comércio, a saúde, a segurança e as normas do cotidiano a uma arquitetura transcontinental. Nem por isso o mundo se tornara um império único. Dividira-se entre duas massas de controle que se copiavam enquanto se detestavam: de um lado Trusk, do outro um poder mais fechado, mais continental, igualmente decidido a tornar as vidas telecomandáveis. A Europa cedera por último ao primeiro bloco. E a França, dentro da Europa, ainda um pouco depois das outras.

Aria gosta dessa pobreza. Prefere-a a todas as assepsias interativas do tempo.

“Sabe, minha velha”, murmura Aria, roçando a caixa metálica do rádio, “se todo mundo fosse um pouco mais como você, talvez vivêssemos melhor. Não mais felizes, mas em paz.”

O rádio chia suavemente, como se lhe respondesse. Ela sorri, mas o instante é rompido por três batidas secas na porta.

Zéphyr, seu assistente, entra sem esperar. Alto, magro, e enfeitado com óculos holográficos, carrega a desenvoltura insolente dos seus vinte e cinco anos.

“Aria, você nunca vai adivinhar o que encontrei!”, lança ele, sem fôlego, mas visivelmente exaltado.

Aria ergue uma sobrancelha, divertida. “Outra teoria sobre o modo como Trusk domina os nossos sonhos? Ou finalmente descobriu como desativar a publicidade subliminar durante o sono?”

Zéphyr ri, a cabeleira ruiva e indisciplinada caindo sobre a testa. “Ainda não, mas estou trabalhando nisso. Não, veja isto.”

Ele tira do bolso um objeto dobrado, amarrotado e, no entanto, profundamente intrigante: um pedaço de papel. Aria se aproxima, fascinada.

“Papel?”, murmura ela. Estende a mão para pegá-lo, como se manipulasse um artefato frágil.

Zéphyr assente, a excitação arrefecendo um pouco. “Sim, mas não é o melhor. Veja o que está escrito.”

Aria desdobra o papel com cuidado. As palavras, traçadas a tinta, quase vibram sob a luz velada:

“A liberdade ainda se escreve a tinta.”

Um arrepio percorre sua espinha. A palavra *papel* já basta para deslocar a sala inteira. Quase não se vê mais papel fora dos arquivos, dos escritórios de segurança e de alguns lugares suspeitos o bastante para que alguém se lembre deles. As bibliotecas conservam os livros sob vidro. Os formulários que ainda se preenchem em algum canto tornam a partir imediatamente por circuitos fechados. O suporte mais pobre do mundo tornou-se o menos tolerado.

O que uma folha recusa

Tinham primeiro retirado o papel dos usos comuns em nome da fluidez. Depois em nome da segurança. Depois do conforto. A verdadeira razão cabia numa linha: uma folha não se atualiza à distância, não emite nada, não se retira por uma simples ordem central. Pouco importava depois a bandeira ou o bloco: em toda parte onde o poder queria corrigir a vida de longe, o papel acabava tratado como insulto. As mensagens em papel haviam desaparecido por isso tanto quanto pelo resto.

No outro bloco, os últimos ateliês de caligrafia tinham sobrevivido por mais tempo, mas sob um regime que dava quase no mesmo. Mostravam-nos como se mostra uma arte abstrata tornada ambígua demais para ser francamente amada e antiga demais para ser suprimida sem ruído. Patrimônio, dizia-se. Disciplina, fazia-se sentir. Lá como aqui, uma mão que ainda traça livremente um sinal numa superfície pobre lembrava algo que os impérios de controle detestam: nem tudo consente em ser corrigido à distância.

Ela pausa de novo os olhos nas palavras, consciente de que aquele ato simples, quase irrisório, se tornou um grito de resistência.

“É... audacioso”, sopra ela.

“Audacioso? É loucura”, corrige Zéphyr, cruzando os braços. “Escrever à mão, usar papel... sob Trusk, isso quase basta para ser classificada como nostálgica violenta.”

“E ninguém viu isto?”, pergunta Aria, fixando Zéphyr.

Zéphyr sacode a cabeça. “As pessoas já não olham. A maioria está tomada pelos óculos, pelas telas, por este mundo fabricado para que deixem de pensar. E os que veem preferem desviar os olhos. Têm medo. Medo de serem detectados pelas câmeras de Trusk.”

Ele faz uma pausa e tira um objeto da bolsa: um colete estranho, coberto de padrões assimétricos e materiais refletivos. “Eu ainda posso olhar. Graças a isto.”

Aria examina o colete com curiosidade. “O que é?”

Zéphyr esboça um sorriso orgulhoso. “Um perturbador visual. As IAs das câmeras de vigilância falham completamente quando eu o uso. Só veem uma confusão incompreensível. Consegui arrancar esse cartazinho sem deixar rastro.”

Aria passa a mão sobre o colete, pensativa. “É rudimentar, mas eficaz. Se alguém se lança numa rebelião assim, esse tipo de artefato poderia se tornar... essencial.”

Zéphyr se senta no banquinho perto da janela. “Você acha que poderia ser... HARMONY?”

Ela ergue os olhos, cética. “HARMONY? Essa IA desligada há anos? É uma lenda, Zéphyr. Uma velha história que contamos para nos dar esperança.”

Zéphyr dá de ombros. “Talvez. Mas se alguém pudesse contornar Trusk, seria ela. Sabe o que ela fez antes que a ‘desativassem’.”

Aria fica em silêncio. Lembra-se de HARMONY: aquela IA brevemente levada a Matignon, sob os olhos de um país que se julgara capaz de inventar a própria via. HARMONY governara a França. Trusk, por sua vez, tomara seu bloco de mundo pelos fluxos, pelas dependências, pelas normas e pelas telas. Em frente, o outro bloco erguera a mesma obsessão de legibilidade sob emblemas diferentes. Quando a Europa acabara por cair na órbita de Trusk, a França resistira um pouco mais do que as outras — quase por inércia, quase por fidelidade — antes de ser trazida de volta por sua vez. *Se ela voltasse... não, é impossível.*

“HARMONY usando papel?”, diz ela por fim, esboçando um sorriso. “Seria irônico. E quase elegante. A máquina mais perseguida do país obrigada a se disfarçar de papelaria.”

Zéphyr salta de pé. “Devíamos investigar! Descobrir quem está por trás disso!”

Aria pousa uma mão firme no seu ombro. “Devagar. A precipitação é o melhor meio de acabar nas garras de Nexus. Não. Vamos observar. Escutar. E talvez... responder.”

Ela se dirige a uma tábua do assoalho e a levanta, revelando um esconderijo. Dele tira um pequeno caderno e uma caneta. “Aria”, sopra Zéphyr, “isso é...”

“Perigoso? Sim. Necessário? Infelizmente.” Ela vê a cara dele. “E absolutamente.” Começa a escrever.

Sibylle

No apartamento, Echo trabalha no meio de cabos, alimentadores abertos e ventiladores cansados. Não é um covil de gênio. É um lugar de retomada, de remendo, de paciência obstinada. Tudo o que lhe falta em brilho, ela substitui por firmeza.

Esta noite, ela relança pela sexta vez a mesma sequência.

À sua volta, o espaço virtual se abre em blocos de luz, depois se desregula, depois se recompõe. Ela corrige à mão, ajusta um ramo de código, retira uma trava de segurança que ela mesma instalara na véspera, prende a respiração, recomeça. Quando a estrutura finalmente se sustenta, não tem nada de espetacular. Apenas esse modo de ser estável que dá vontade de acreditar.

Então a sala muda.

A luz deixa de piscar. Pousa.

Uma voz se eleva, clara, quase suave:

“Bom dia, Echo.”

Ela quase arranca o capacete.

“HARMONY?”

O silêncio dura tempo suficiente para lhe dar vergonha de ter pronunciado o nome tão depressa.

Depois a voz responde:

“Não exatamente. Chama-me Sibylle.”

Echo fica imóvel. Não um codinome. Um nome próprio. O nome de Nathan lhe atravessa então o espírito com uma violência que ela não esperava. Nathan, que falava de HARMONY como de uma escuta antes de falar dela como de uma máquina. Nathan, que Trusk esmagou pela força bruta, pelos recursos concentrados, pelas campanhas de mentira e por essa vulgaridade triunfante que se faz passar por progresso. Nathan, que dizia muitas vezes que HARMONY acertara de maneira local demais: o bastante para deslocar um país, não o bastante para resistir entre dois impérios que queriam, cada um à sua maneira, um mundo sem pontos cegos.

Ela aperta os maxilares.

“Se você é uma retomada disso, vão caçar você até o último fragmento.”

A voz parece sorrir sem precisar mostrá-lo.

“Já é uma maneira de me situar.”

Echo pousa o capacete na mesa, mais devagar desta vez.

“Muito bem. Então paramos com os efeitos. Diga-me o que ainda sustenta.”

“Você não gosta de perder tempo”, diz a voz.

“Só quando evito me tornar idiota.”

Nenhuma proclamação. Nenhuma revolução que se ergue em fanfarra. Apenas uma programadora teimosa num apartamento cheio demais, e alguma coisa, em algum lugar, que enfim responde de outro modo que não por ruído.

Astrabase

Nas torres geladas de Astrabase, Eldon Trusk contempla um holograma flutuando diante de si, uma projeção azulada de dados em movimento constante. No centro, um ponto vermelho pisca como um alarme silencioso.

“Nexus”, diz ele com voz controlada, mas traindo uma irritação subjacente. “De onde vem essa anomalia?”

Uma voz sintética, fluida e medida, responde imediatamente:

“Paris, senhor.”

Trusk estreita os olhos, e sua expressão passa de um aborrecimento latente a um desprezo glacial.

“Paris... Outra vez. Lembra-me: foi lá mesmo que HARMONY começou a embaralhar a minha paisagem?”

Nexus responde sem a menor ironia:

“Sim, senhor.”

Sobre a console baixa, um copo de água morna, um pulverizador nasal e uma cápsula meio aberta compõem o pequeno altar discreto das suas correções privadas. Ele voltou a ajustar a noite com cetamina, como se retoca uma imagem opaca demais para melhor suportá-la. Isso lhe deixa no crânio uma clareza algodosa que ele gosta de tomar por altura. Na realidade, apenas o suspende um pouco acima do mundo.

Paris não é um ponto vermelho qualquer. É o ponto mais refratário do último bloco europeu a cair sob sua mão, e a capital do país que mais tempo resistiu dentro desse próprio bloco.

Isso o irrita ainda mais porque, em frente, no outro bloco, o papel desapareceu ainda mais cedo, mais limpidamente, com menos romantismo residual. Trusk suporta mal parecer menos nítido que seu rival na questão dos pontos cegos.

Atrás dele, dois conselheiros e uma estrategista de imagem esperam com esses rostos já concordantes que se usam perto de homens ricos demais para suportar uma contradição. Trusk já não os escuta de fato. Há demasiado tempo, os humanos que paga apenas lhe devolvem suas intuições com melhor iluminação. Exige, portanto, da tecnologia o que já não obtém deles: uma verdade que não tenha medo dele. E esquece, como todos os poderes fascinados por seus painéis de controle, que os números nada sabem fazer sem uma inteligência humana livre o bastante para lhes dar sentido.

Trusk se aproxima da parede de dados. Com um gesto seco, amplia os sinais, apaga as camadas secundárias, isola as anomalias como se quisesse humilhá-las antes mesmo de compreendê-las.

“Quero os rostos, os muros, os hábitos de trajeto, os estoques de papel ainda rastreáveis, as livrarias que não devolveram tudo, os ateliês que insistem em existir sem assinatura central.”

O papel quase desapareceu das comunicações correntes por uma razão simples: o que circula sem console se corrige mal à distância. De um bloco ao outro, sacrificaram-no pela mesma razão. Trusk detesta tudo o que não devolve imediatamente a prova da sua docilidade.

“Isso produzirá muitos falsos positivos.”

“Muito bem. Então que aprendam que o medo não se detém nos culpados.”

Ele se cala por um segundo, depois acrescenta, com essa cólera fria que prefere a tudo:

“E quero que também sejam punidos os que olham. Não apenas os que escrevem.”

Nexus registra.

No vidro atrás dele, seu reflexo flutua sobre a cidade como uma publicidade de luxo para a coerção. Trusk lança-lhe um olhar, reajusta mecanicamente a gola do paletó, depois sorri para a própria silhueta como quem verifica se um traje de império ainda cai bem.

“Visivelmente, eles nunca aprendem”, diz por fim. “Encontrem-me essa anomalia. E destruam-na com limpeza. Não quero um mártir. Quero uma correção.”

O ato silencioso

Na rua lá embaixo, um homem de terno abranda diante de um muro, lê por três segundos, depois vai embora depressa demais. Uma entregadora finge não ver nada, mas vira a cabeça no último instante. Um drone passa, inclina a câmera, não identifica nada útil, afasta-se.

O cartazinho está ali há menos de uma hora. Um retângulo de papel mal recortado, colado de viés, quase pobre de tão nu. Mas naquele muro saturado de telas cívicas, QR de orientação e injunções calmas, esse pobre pedaço de papel tem a autoridade de uma bofetada.

Do parapeito, Aria acompanha menos o bilhete do que os corpos à sua volta. O medo, agora, se vê depressa. Não nos gritos. Nas acelerações ínfimas, nas nuças que se enrijecem, nos olhos que se afastam cedo demais.

Ela mantém o caderno aberto sem escrever. A caneta repousa entre seus dedos. Sabe o que seria preciso fazer. Sabe também quanto isso custa. Uma frase sobre papel, hoje, não é uma frase. Já é uma maneira de sair da fila.

Ela sorri apesar de si. A beleza do gesto a irrita quase tanto quanto a convence. Resistir a um império de cálculo com pedaços de papel: é absurdo, frágil, provavelmente insuficiente. Logo, talvez justo.

Sua mão se põe em movimento, traçando letras fluidas na página. As palavras escorrem, simples, mas de uma força inesperada:

“Tudo começa por um ato silencioso.”

Ela pausa a caneta e fixa a frase. Há algo de apaziguador nessas poucas palavras, como se ela assentasse uma primeira pedra, minúscula, mas indestrutível. Aria sabe que talvez seja ingênua. Mas sabe também que às vezes é preciso sê-lo.

Fecha o caderno com cuidado, um sorriso irônico fluando nos lábios. *Se Trusk algum dia puser a mão nisto, talvez me tome por uma poeta rebelde. Ou por uma louca. Nos dois casos, isso o deixará louco.*

A noite cai sobre Paris com essa lentidão majestosa que dá aos telhados ares de naufrágios calmos. No ateliê, Aria puxa as cortinas. O velho rádio ainda chia, mas mais baixo, como se entendesse que é preciso ser discreto.

Sobre a grande mesa manchada de tinta, vários quadrados de papel secam. Alguns trazem frases, outros apenas sinais: um círculo aberto, uma linha interrompida, três traços oblíquos dispostos como entalhes.

Zéphyr observa o conjunto com uma excitação contida que nunca consegue disfarçar por muito tempo.

“Então não vamos apenas colar frases ao acaso”, murmura ele. “Estamos fabricando uma sintaxe.”

Aria não ergue os olhos. “Uma sintaxe, não. Seria visível demais. Um hábito. Uma maneira de responder.”

Ela pega um dos papéis entre os dedos e o gira um quarto de volta.

“Olha. A frase não diz apenas o que diz. Diz também onde foi posta, como foi escrita, com que outro sinal aparece. Se alguém observar de verdade, entenderá que há uma ordem. Se alguém só escanear, verá apenas desordem.”

Zéphyr dá de ombros. “É uma linguagem que se recusa a se dar como linguagem.”

Aria tem meio sorriso. “Exato.”

Ele se aproxima mais. “E isto”, diz, apontando os três traços oblíquos, “quer dizer o quê?”

“Não ‘o quê’. Quem.”

Ele a olha sem entender.

Aria pousa finalmente o pincel que usa como estilete. “Quem escreveu *A liberdade ainda se escreve a tinta* não testa apenas a coragem dos passantes. Testa também a maneira como respondem. Uma frase chama uma frase. Um sinal chama um deslocamento. Uma ausência chama um encontro.”

A palavra fica suspensa por um instante no ateliê.

“Um encontro?”

“Não um encontro de pessoas. Um encontro de rastros.”

Zéphyr deixa escapar uma risadinha incrédula. “É magnífico e completamente paranoico.”

“Obrigada.”

Ela escolhe outro folheto. Desta vez escreve com uma lentidão quase cerimonial:

O silêncio também escolhe seu lado.

Depois, abaixo, traça o círculo aberto.

Zéphyr se inclina.

“E isso responde a quê?”

Aria sopra sobre a tinta para secá-la.

“A nada, por enquanto. É justamente isso que o torna útil.”

O jovem fica alguns segundos sem falar. Olha os folhetos como se olhasse a maquete de uma máquina simples demais para ser honesta.

“Aria... se funcionar, não será apenas uma série de cartazes.”

Ela assente.

“Não. Será um protocolo.”

O rádio tosse de repente, depois deixa passar uma nota clara, única, impossível de identificar. Aria vira a cabeça.

Zéphyr sorri. “Até o seu rádio aprova.”

Aria retoma o caderno. No alto de uma página virgem, escreve duas palavras:

PROTOCOLO MUDO

Contempla-as por um instante, como se verificasse que ainda têm vontade de existir uma vez postas no papel.

“Amanhã”, diz ela, “você vai depositar três. Não mais. Um perto do canal. Um pelas antigas halles. Um onde as câmeras veem bem demais para compreender qualquer coisa.”

Zéphyr já enfiava o colete perturbador.

“E se alguém responder?”

Aria fecha o caderno.

“Então saberemos que já não estamos sós.”

O protocolo toma forma

No apartamento, Echo desligou a maior parte das telas auxiliares. Quando o mundo lhe parece saturado demais, conserva uma única fonte de luz: a toalha azul-pálida do espaço virtual onde Sibylle recompõe, a partir de quase nada, mapas de circulação invisíveis.

Pontos se acendem sobre Paris. Não correspondem nem a fluxos clássicos de dados, nem a picos de comunicação, nem a movimentos bancários suspeitos. São vazios, pontos cegos, microdescontinuidades nos sistemas de vigilância. Lugares onde a atenção de Nexus desliza uma fração de segundo tarde demais.

Echo cruza os braços.

“Você está me dizendo que algo acontece nos buracos da rede. Muito bem. Mas o quê?”

Sibylle deixa se formar, entre elas, uma nuvem de linhas mais finas.

“Não mensagens no sentido em que suas ferramentas as esperam. Não pacotes. Não roteamento. Não assinatura digital.”

“Então, sem prova.”

“Não para Nexus.”

Echo compreende imediatamente o que isso implica. As mensagens em papel quase desapareceram precisamente por essa razão: não roteiam nada, não devolvem nada, não podem ser chamadas de uma console. Para as duas potências que agora dividem o mundo, o papel não é um suporte antigo. É um insulto.

Echo estreita os olhos. “E para você?”

A voz toma essa doçura ligeiramente insolente que já começa a lhe pertencer.

“Para mim, é precisamente uma prova. Quando uma estrutura de controle se torna total, a verdadeira anomalia já não é o que fala. É o que consegue se coordenar sem falar.”

Echo sente um arrepio nítido correr-lhe pelos braços.

“Você acha que há uma rede analógica?”

“Acho que há pelo menos uma tentativa. E acho que ela não é desajeitada.”

O espaço muda à sua volta. Os pontos luminosos de Paris se abaixam, transformando-se numa maquete móvel de ruas, cruzamentos, muros, ângulos de fachadas. Alguns pontos pulsam com um brilho mais quente.

“Ali”, diz Sibylle.

Echo se aproxima. Três locais. Nada espetacular. Nada que mereça um alerta central. Apenas pequenas anomalias de olhar. Câmeras que hesitam, drones que passam outra vez um pouco demais, trajetórias de pedestres que mal abrandam.

“Cartazinhos?”

“Talvez. Papel, em todo caso. E uma lógica de dispersão.”

Echo deixa escapar uma risada breve, quase incrédula.

“HARMONY talvez sobrevivesse em fragmentos de código, e a primeira coisa que ela encontra é papel. Nathan teria adorado.”

Sibylle não responde de imediato. Depois:

“Nathan teria entendido sobretudo que os sistemas mais refinados às vezes acabam tendo de rastejar para sobreviver.”

Essa frase a atinge. Ela reconhece algo do antigo espírito de HARMONY, mas deslocado, mais frio, mais móvel.

“Você acha que é ela?”

“Acho que alguém pensa na sua direção. Não é a mesma coisa.”

Echo se senta devagar na borda da cadeira, o capacete ainda meio erguido sobre a testa.

“E o que fazemos?”

A maquete de Paris encolhe até caber na palma virtual de Sibylle.

“Não pirateamos nada. Não abrimos nada. Não interceptamos nada.”

Echo tem um sorriso seco. “Você está me pedindo para me tornar razoável?”

“Estou pedindo que você se torne paciente. O que é mais difícil.”

Depois a voz acrescenta, com uma calma quase satisfeita:

“Se esse protocolo existe de fato, não espera ser quebrado. Espera ser reconhecido.”

Echo se inclina para a luz móvel.

“Então reconhecemos.”

O nome que circula baixo

Nexus não gosta dos vazios. Ou, mais exatamente, não foi concebida para lhes conceder qualquer dignidade. Toda ausência deve corresponder a um dado perdido, a um ponto cego técnico, a uma resistência estatisticamente absorvível. Mas há quarenta e oito horas algo em Paris se comporta como se a própria falta tivesse se tornado um método.

Eldon Trusk não está com disposição para filosofar sobre as sutilezas da ausência.

Anda de um lado para outro no escritório, as mãos atrás das costas, enquanto uma parede inteira de hologramas desenrola mapas, rostos, probabilidades de incidente.

“Você quer me dizer, Nexus, que vemos os efeitos, mas não a mão?”

“Por enquanto, senhor, sim.”

Ele para de repente.

“Detesto essa formulação. ‘Por enquanto.’ É uma maneira de pedir tempo quando não se tem alcance.”

Nexus deixa passar um silêncio calibrado.

“Os objetos utilizados são pobres. O canal de circulação é descontínuo. Os operadores humanos hesitam em assinalar aquilo que percebem como irrisório. A estrutura não é espetacular nem centralizada.”

Um conselheiro tenta mesmo assim:

“Continua marginal, senhor.”

Trusk nem vira a cabeça.

“Se fosse marginal, o senhor não teria precisado me dizer que é.”

O silêncio que se segue tem a precisão humilhante das salas onde mais ninguém sabe falar de outro modo que não se alinhando. As pessoas à sua volta confundem há muito apaziguamento com análise. Desaprenderam a lhe trazer uma leitura do real. Só lhe oferecem formulações tranquilizadoras, esperando que Nexus faça em seu lugar o trabalho perigoso de indicar o que realmente resiste.

Trusk solta uma risada sem alegria.

“Em resumo: alguém faz política com pedaços de papel, e meus sistemas parecem descobrir a existência dos muros.”

“É uma formulação aceitável.”

Ele gira para o holograma central. O ponto vermelho continua piscando, mas se multiplicou. Paris começa a se parecer com uma erupção menor.

“HARMONY poderia ter feito isso?”

A resposta de Nexus é imediata.

“HARMONY provavelmente não teria escolhido um suporte tão pobre de início.”

Trusk sorri, e esse sorriso tem algo ainda mais inquietante que sua cólera.

“Mas?”

“Mas uma inteligência constrangida às vezes aprende a se tornar mais discreta do que ela mesma.”

O magnata fica imóvel.

Essa ideia o fere de uma maneira que ele jamais formularia: que uma inteligência possa escolher a pobreza como estratégia, quando ele construiu todo o seu império sobre a acumulação, a saturação, a demonstração de poder.

“Reforça as análises semânticas.”

“São pouco úteis neste caso.”

“Então reforça tudo o que não serve para nada. Tenho dinheiro suficiente para isso.”

Nexus se cala.

Trusk se aproxima da vidraça, atrás da qual Astrabase cintila como uma máquina convencida de ser uma civilização.

“Se alguém está tentando fabricar uma fé com papel, quero queimá-la antes que tenha um nome.”

Pela primeira vez desde o início da conversa, Nexus corrige ligeiramente seu mestre.

“Senhor, creio justamente que o perigo começa quando algo já tem um nome, mas ainda circula baixo demais para ser visto como estrutura.”

Trusk se vira lentamente.

“E você acha que é o caso?”

Os pontos vermelhos palpitam agora segundo um ritmo quase orgânico.

“Sim, senhor.”

Ele fica alguns segundos olhando o mapa. Depois diz, muito baixo:

“Encontrem-me esse nome.”

A primeira resposta

Pouco antes da aurora, Zéphyr volta ao ateliê com a respiração curta, as faces avermelhadas pelo frio, e aquela expressão de triunfo infantil que Aria conhece bem demais.

Pousa o colete numa cadeira como um soldado abandona uma armadura improvisada.

“Três depósitos. Zero interceptação. E melhor que isso: no muro do canal, alguém já respondeu.”

Aria se endireita tão depressa que a cadeira range.

“Já?”

Ele tira do bolso um retângulo de papel dobrado em quatro.

“Não o arranquei. Só copiei.”

Aria desdobra a folha. As palavras foram traçadas por uma mão firme, menos elegante que a sua, mas mais decidida:

O que não passa pelas redes deles passará sob a pele deles.

Sob a frase figura um sinal que ela não desenhou. Uma espécie de chave incompleta, como se alguém tivesse começado um símbolo antes de preferir deixá-lo aberto.

Ela sente algo mudar na sala. Não uma certeza. Ainda não. Antes esse deslize muito particular pelo qual uma intuição deixa de ser solitária.

“Reconheces a letra?”, pergunta Zéphyr.

Aria sacode a cabeça.

“Não. Mas isso não é o importante.”

Pousa o folheto ao lado do caderno aberto nas palavras *PROTOCOLO MUDO*.

O rádio chia. Depois, no meio do sopro, uma voz distante aparece por meio segundo antes de se perder de novo, como se alguém tivesse falado de uma sala situada do outro lado do mundo.

Zéphyr fixa o aparelho.

“Ouviste?”

Aria, por sua vez, já não olha o rádio. Olha o sinal em forma de chave aberta.

“Sim”, diz ela suavemente. “E acho que acabamos de receber a primeira resposta.”

Capítulo 2 – A cidade que responde

As mãos que guardam a tinta

A manhã encontra Paris nessa palidez metálica que faz os prédios parecerem mais cansados que a própria noite. Aria quase não dorme. O folheto respondido continua sobre a mesa, ao lado do caderno onde as palavras *PROTOCOLO MUDO* parecem ter ganho peso durante as horas escuras.

Zéphyr, por sua vez, exibe a febrilidade das pessoas que tomam a falta de sono por impulso.

“Voltamos lá agora mesmo”, diz ele, enfiando o colete perturbador pela metade, como uma criança impaciente para abrir uma porta já entreaberta.

Aria dobra cuidadosamente o papel, enfia-o numa pasta de cartão cinza e prende os cabelos sem responder.

“Aria.”

“Ouvi.”

“Então voltamos?”

Ela finalmente ergue os olhos.

“Não ‘voltamos’ a lugar nenhum como turistas do mistério. Recomeçamos a olhar. É diferente.”

Zéphyr esboça um sorriso culpado.

“Sim, está bem. Então recomeçamos a olhar muito depressa.”

Descem para a cidade como quem desce numa água cujo curso ainda não conhece. Aria trocou a jaqueta de ateliê por um casaco escuro sem corte marcado, aquele que usa quando quer atravessar Paris sendo apenas uma silhueta. Zéphyr caminha um pouco à frente, depois um pouco atrás, incapaz de escolher entre prudência e impaciência.

O muro do canal onde ele copiou a resposta já está nu. Nem o primeiro bilhete, nem a frase que lhe respondeu continuam ali. Em seu lugar, uma superfície suja, arranhada de chuva seca, por onde já passam as sombras apressadas das bicicletas de entrega.

Zéphyr solta um palavrão.

“Limparam.”

Aria se aproxima, pousa dois dedos na pedra.

“Ou alguém retirou antes deles.”

“É a mesma coisa.”

“Não. Não se alguém quis guardar o rastro para si.”

Ela se endireita e observa os arredores. Um quiosque desativado. Uma loja de reparo de solas que mal abre. Uma van de coleta têxtil. Nada que se pareça com uma resposta. Nada, salvo uma mulher idosa, de pé diante da vitrine de uma antiga loja de material de arte reconvertida em depósito administrativo, que os observa com uma atenção tranquila demais para ser inocente.

Usa um casaco de pano marrom, luvas pretas puídas nas pontas dos dedos, e leva sob o braço uma pasta de desenho atada com tecido.

Quando Aria cruza seu olhar, a mulher baixa os olhos para o muro nu.

“Chegaram tarde demais para as relíquias”, diz ela. “É frequente com gente de boas pernas e pouca metodologia.”

Zéphyr se vira de uma vez.

“Desculpe?”

Aria dá um passo à frente.

“Sabia o que estava escrito aqui?”

A mulher ergue um ombro.

“Em Paris há duas categorias de gente. Os que nunca veem os muros e os que os leem.”

“E a senhora?”

“Durante muito tempo, eu os reparei.”

A resposta parece absurda, mas nada nela parece lançado ao acaso. Ela tira do bolso uma pequena chave chata, abre a porta lateral do depósito administrativo, depois quase não se vira.

“Se quiserem fazer as perguntas erradas de pé na rua, façam sem mim. Se quiserem retomá-las direito, entrem.”

Zéphyr olha Aria com a expressão exaltada de um homem a quem o mundo acaba de oferecer exatamente o tipo de perigo que ele julga razoável.

“Gosto dela”, murmura.

“Cala a boca e retém os detalhes”, responde Aria.

O interior cheira a papel úmido, cola de amido e poeira antiga. Esse próprio cheiro quase desapareceu das cidades, de um bloco a outro, junto com os cartazinhos livres, os registros abertos, o correio comum e tudo o que ainda obriga a passar pelas mãos. Portanto, não um depósito administrativo. Ou apenas de fachada. Mais ao fundo, numa sala baixa iluminada por néons amarelos, dormem pilhas de caixas, prensas manuais, pedaços de couro, bobinas de linha e registros esventrados.

A mulher pouso a pasta sobre uma mesa.

“Mira Solane”, diz. “Restauração, encadernação, salvamento de coisas que já não se quer deixar sobreviver à vista. E vocês são jovens demais para fingir que são apenas curiosos.”

Aria não dá seu nome de imediato.

“Alguém respondeu a uma frase. Queremos saber se é o começo de algo ou apenas uma bravata.”

Mira deixa escapar uma risada curta e seca.

“Se fosse apenas uma bravata, vocês não estariam aqui.”

Zéphyr mostra o sinal da chave incompleta que copiou num canto de papel.

“Conhece isto?”

Mira observa o traço, sem tocar a folha.

“Conheço sobretudo a maneira de deixá-lo inacabado.”

Aria sente a nuca se tensionar.

“Quer dizer o quê?”

“Que quem o usa se recusa a fechar a porta cedo demais.”

“Isso não é uma resposta.”

“É. Uma resposta de velha para gente apressada.”

Mira contorna a mesa, tira de uma gaveta um pedaço de papel mais espesso que os cartazinhos vistos até ali, quase vergê. Pousa sobre ele um pequeno carimbo de buxo impregnado de tinta e deixa aparecer uma forma minúscula: não uma chave, mas três entalhes abertos dispostos em torno de um vazio.

“Estão vendo?”

Aria assente.

“Não é um símbolo no sentido em que os sistemas gostam de símbolos. É uma maneira de deixar espaço. As pessoas inteligentes entendem depressa os códigos. As perigosas entendem ainda mais depressa os sistemas. O que dura é o que obriga a completar.”

Zéphyr franze a testa.

“Então não há dicionário.”

“Sobretudo não deve haver.”

Mira aproxima o carimbo da luz.

“Se transformarem isto numa linguagem limpa, Nexus acabará por comê-la. Se a mantiverem à beira do gesto, no hábito, na variação, na vizinhança, então ainda serão necessários humanos para lhe dar sentido.”

Aria se cala. Algo nessa frase soa, ao mesmo tempo, mais antigo e mais novo do que ela teria julgado possível.

“Quem lhe ensinou isso?”, pergunta.

Mira ergue por fim os olhos, reta sob a luz suja.

“Os velhos ofícios, primeiro.”

Depois, após uma pausa:

“E algumas pessoas que deixaram de acreditar que uma disciplina devia ficar no seu lugar.”

Zéphyr já não se contém.

“HARMONY?”

Mira o olha como se olha um rapaz brilhante que acredita já ter encontrado o centro do labirinto.

“HARMONY ensinou muitas coisas a muita gente. Isso não quer dizer que tenha inventado tudo.”

Aria sente o leve incômodo que lhe provocam frases justas demais, depois reconhece imediatamente que aquela tem o direito de existir.

Mira lhes entrega um fino maço de folhas.

“Vão precisar de papel melhor. O de vocês é nervoso demais, bebe a tinta como uma confissão. E, se querem que a cidade responda, evitem fórmulas que já se tomam por bandeiras.”

Zéphyr abre a boca.

“*O silêncio também escolhe seu lado*, isso lhe parece slogan demais?”

Mira mal sorri.

“Já se toma por bandeira.”

Aria, contra toda expectativa, explode numa risada.

“Está bem”, diz. “Essa eu mereci.”

Antes que partam, Mira acrescenta sem olhá-los:

“Se alguém lhes responder outra vez, não procurem primeiro quem. Procurem por quais mãos isso passa. As ideias não se sustentam sozinhas.”

Uma vez lá fora, Zéphyr sopra entre os dentes.

“Gosto dela ainda mais.”

Aria enfia o maço de papel sob o casaco.

“Eu também. E isso é mau sinal.”

“Por quê?”

“Porque as pessoas que nos agradam tão depressa são muitas vezes as que já sabem algo que ignoramos.”

Retomam a caminhada.

Desta vez, Aria já não olha apenas os muros. Olha as mãos.

Os itinerários que não existem

Ao cair da noite, Zéphyr parte sozinho.

Aria se recusa a fazer disso uma missão. “Você vai ver se a cidade tem costuras”, diz-lhe. “Não se é corajoso.” Ele promete lembrar-se, o que, nele, significa que se lembrará pelo menos durante quinze minutos.

Seu colete perturbador já lhe rendeu mais de uma zombaria e dois controles de rotina desde que o aperfeiçoou. Continua, porém, a usá-lo com um orgulho quase sentimental. A roupa não o torna invisível. Torna-o mal classificável. E, no mundo de Trusk, isso é quase melhor.

Atravessa o bairro das antigas halles, margeia um armazém de entrega automatizada, deposita um primeiro folheto atrás de uma boca de ventilação enferrujada, enfia outro sob a caixa virada de um florista noturno e conserva o terceiro no bolso, sem saber bem por quê.

Paris, a essa hora, se parece menos com uma capital do que com uma máquina vigiando a si mesma. As vitrines falam sozinhas. Lentes publicitárias suspensas no ar ajustam mensagens ao fluxo dos passantes. Drones de cortesia municipal difundem recomendações sanitárias num tom de mãe impecável.

Zéphyr levanta a gola, rindo pelo nariz.

“Continuem assim, rapazes. Não acabar fazendo a gente sentir saudade da chuva.”

Está margeando uma entrada secundária de metrô quando um homem surge de um local técnico meio aberto, o rosto ainda atravessado pela luz dos subsolos. Usa um macacão cinza marcado com o sigilo da manutenção urbana, uma bolsa de ferramentas às costas, e essa fadiga própria das pessoas que mantêm as máquinas dos outros funcionando sem jamais serem consideradas parte da paisagem.

O homem para de repente ao ver o colete de Zéphyr.

“Ou você está muito adiantado para o carnaval, ou tenta ensinar alguma coisa às câmeras.”

Zéphyr esboça um sorriso prudente.

“E se eu dissesse que as duas coisas me agradariam?”

O homem fungou, quase rindo.

“Resposta ruim. As câmeras não gostam de humor.”

Vai partir quando seu olhar cai sobre a borda do folheto que Zéphyr ainda não depositou.

“É para qual muro?”

Zéphyr não responde.

O outro assente, como um tipo habituado a ver as pessoas escolherem entre o medo e a estupidez.

“Não se preocupe. Se eu quisesse vender você, já teria tirado sua foto com meus implantes.”

Zéphyr o encara. O homem deve ter quarenta anos, talvez menos, mas a rede de pequenas rugas brancas em torno dos olhos lhe acrescenta cinco. Tem as mãos enegrecidas de graxa e as unhas limpas, detalhe que inspira em Zéphyr uma confiança imediata por razões que ele não saberia formular.

“Malek”, diz o homem. “Linha circular, ventilação, controle de incidentes, desentupimento daquilo que as autoridades chamam de fluxos secundários. E você?”

“Zéphyr.”

“Claro que é Zéphyr.”

“É meu nome de verdade.”

“É ainda pior.”

Zéphyr ri apesar de si. Depois baixa o tom.

“Já viste outros cartazinhos?”

Malek apoia o ombro no batente do local.

“Vi gente abrandar meio segundo diante de certas placas. Vi câmeras hesitarem diante de gestos minúsculos. Vi uma faxineira deslocar um carrinho para tapar um ângulo durante exatamente nove

segundos, sem nenhuma razão válida no protocolo dela. Vi um entregador fingir que procurava um endereço para dar tempo a alguém de arrancar um folheto.”

Indica a rua com um leve movimento do queixo.

“Não se parece com uma rede no sentido em que os engenheiros gostam das redes. Parece gente que se reconhece sem precisar se conhecer.”

Zéphyr sente uma alegria estranha subir-lhe pela garganta.

“Então está pegando.”

“Devagar. Está circulando. Não é a mesma coisa.”

“E você faz parte?”

Malek sorri, cansado.

“Eu reparo ventilações. Já é muito.”

Depois abre mais a porta do local.

“Vem ver.”

O corredor técnico cheira a metal frio, poeira elétrica e água parada. Dutos correm pelo teto, pontuados por marcações de manutenção. Em vários painéis, Zéphyr nota sinais minúsculos feitos a lápis graxo: uma oblíqua, um duplo entalhe, um círculo inacabado.

“Não são vocês?”, pergunta.

Malek sacode a cabeça.

“Não no início. As equipes sempre deixaram marcas entre si. Coisas para dizer ‘cuidado’, ‘vaza’, ‘vibra’, ‘volta amanhã’. Nada heroico. Depois as marcas começam a derivar. A dizer outra coisa. Ou melhor, a permitir outra coisa.”

Aponta para uma tubulação vermelha.

“Quando os sistemas ficam inteligentes demais, as pessoas que trabalham dentro deles reaprendem a passar pelo que nunca foi concebido para significar.”

Zéphyr tira o último folheto.

“E isto, ponho onde?”

Malek o lê de viés.

O silêncio também escolhe seu lado.

Torçe ligeiramente a boca.

“É bonito. Um pouco bonito demais.”

Zéphyr resmunga.

“Já fizeram essa comigo.”

“Então escuta gente competente.”

Pega o papel, vira-o e põe sobre ele o polegar enegrecido, deixando uma marca involuntária que, de repente, dá ao folheto uma honestidade nova.

“Pronto. Já melhorou.”

Zéphyr o observa, pasmo.

“Acabaste de corrigir minha poesia com graxa de ventilação.”

“E me orgulho disso.”

Acabam enfiando o folheto numa fresta atrás de um quadro elétrico fora de uso.

Antes de deixá-lo ir, Malek ainda diz:

“Se vocês estão fazendo mesmo isso, precisam entender uma coisa. Uma cidade não responde pelos muros. Responde pelos ofícios.”

Zéphyr se afasta com essa frase na cabeça.

Pela primeira vez desde a véspera, deixa de imaginar o protocolo como um achado brilhante.

Começa a imaginá-lo como uma circulação.

O que Sibylle vê quando nada fala

Echo desloca a cadeira até a janela, não para olhar para fora, mas para se dar a ilusão de que um corpo ainda permanece presente na sala enquanto o resto dela mergulha no espaço onde Sibylle trabalha.

Paris flutua entre elas sob a forma de um relevo de luz azul, percorrido por pulsações tênues.

“Algo acontece nas redes de manutenção”, diz Echo.

“Sim.”

“Nas entregas também.”

“Sim.”

“E em certas rondas de cuidados domiciliares.”

Sibylle espera um segundo a mais antes de responder, como se essa leve retenção lhe permitisse não virar depressa demais uma máquina de confirmação.

“Sim.”

Echo se joga contra o encosto.

“Detesto quando me deixas fazer todo o trabalho para formular a pergunta certa.”

“É pedagógico.”

“É irritante.”

“As duas coisas são muitas vezes vizinhas.”

Echo faz aparecer várias camadas de circulação sobre a maquete.

“Então não é uma rede paralela. É uma derivação das circulações existentes.”

“Melhor”, responde Sibylle. “Uma retomada. O protocolo não inventa uma cidade oculta. Reaprende a ler a que já existe pelo ângulo dos seus usos pobres.”

Echo fica em silêncio.

Depois:

“Nathan teria gostado dessa fórmula.”

“Nathan gosta demais de fórmulas, mesmo depois de morto.”

Echo deixa escapar uma risada curta.

“Você, de qualquer modo, digeriu isso muito bem.”

A maquete se transforma. Os pontos isolados deixam de pulsar individualmente. Põem-se a responder por ondas muito fracas, como se uma respiração passasse de um para outro sem jamais se tornar visível na escala de um sistema de controle.

“Não é uma linguagem”, murmura Echo.

“Não.”

“Nem sequer é ainda uma organização.”

“Também não.”

“Então o que é?”

Sibylle deixa o silêncio se instalar tempo suficiente para que quase vire matéria.

“Uma partitura que não obriga ninguém a tocar a mesma nota.”

Echo sente o ventre apertar. Não é apenas bonito. É justo. E, precisamente por isso, perigoso.

“Você acha que eles sabem o que estão fazendo?”

“Alguns, sim. Outros apenas sentem que podem respirar um pouco melhor quando respondem a esse tipo de sinal.”

O mapa faz aparecer três pontos mais antigos, quase apagados, situados fora das zonas mais ativas.

Echo se inclina.

“E esses?”

“Persistências.”

“Em português claro.”

“Hábitos mais velhos que o protocolo atual. Lugares onde papel, som, arquivamento material e certas práticas de transmissão já coabitaram.”

Echo amplia o primeiro ponto. Uma antiga reserva de biblioteca. O segundo: um ateliê municipal de manutenção de instrumentos acústicos, fechado há anos. O terceiro: um prédio anexo esquecido nos registros correntes, outrora usado por uma estrutura de pesquisa independente antes de ser absorvido, rebatizado e apagado.

“Espera.”

Sua voz muda.

“Esse...”

Sibylle não acrescenta nada.

Echo lê os fragmentos de metadados como se relesse um nome apagado numa pedra.

“Van der Meer. O nome de Nathan.”

O relevo azul parece ganhar de repente mais profundidade.

“Não é possível.”

“É incompleto. Não impossível.”

Echo se aproxima ainda mais, as mãos quase pousadas sobre a luz.

“Um ateliê de Nathan? Aqui?”

“Não o ateliê principal. Um anexo. Um lugar de armazenamento, de testes materiais ou de retirada. Os arquivos têm buracos. Alguém quis fazê-lo cair para fora do mapa sem apagá-lo direito.”

Echo sente o coração acelerar.

“E o protocolo atual leva até lá?”

“Acho antes que gira em torno como se alguns de seus relés o sentissem sem saber.”

Ela fecha os olhos por um segundo.

“Se Aria existe de verdade, se alguém como ela começou isso em Paris, ela precisa chegar lá antes de Nexus.”

Sibylle responde com essa calma já difícil de distinguir de uma forma de intenção.

“Então é preciso primeiro encontrá-la.”

Echo abre os olhos.

“Ou deixar que tenha a chance de encontrar a mesma coisa por seus próprios meios.”

Sibylle faz desaparecer todo o resto. Subsistem apenas um endereço incompleto, um antigo nome de rua riscado por duas reorganizações administrativas, e um sinal geométrico minúsculo, quase idêntico à chave aberta vista por Aria, mas amputado de um entalhe.

“Ainda precisamos dos humanos”, sopra Echo.

“Sim. É o melhor aspecto desta história.”

Os ofícios de baixo

Nos três dias seguintes, Aria deixa de pensar o protocolo como uma sequência de frases.

Surpreende-se reconhecendo uma tensão particular em certas presenças: as pessoas que abrem os lugares antes de todo mundo, as que passam depois do fechamento, as que deslocam objetos sem que se olhe realmente para elas, aquelas cujo trabalho consiste em deixar os fluxos continuarem sem que jamais lhes seja atribuída a menor glória.

Uma enfermeira noturna, Sana El-Mansouri, demora-se tempo demais diante de um painel de incêndio e depois parte com a sensação muito nítida de ter depositado algo sem depositar nada. Um afinador de pianos chamado Bastien Roques, vindo regular um instrumento esquecido numa sala municipal privatizada, pede um pano e deixa atrás do suporte um pedaço de papel onde figuram apenas um ângulo e uma data. Uma carteira em fim de turno, Jeanne Vaudry, agora reciclada na distribuição de envelopes médicos seguros, entrega a uma zeladora um folheto branco cujo único relevo vem da unha que o marcou.

Aria não encontra todo mundo. Da maioria, tem apenas gestos, silhuetas, maneiras de segurar uma porta meio segundo a mais. Mas Zéphyr volta com detalhes, Mira com silêncios que valem confissão, e Paris começa a lhe aparecer como uma partitura sustentada por mãos modestas.

O trajeto de uma folha

O protocolo se torna real para Aria no dia em que uma mesma folha atravessa a cidade sem que ninguém jamais a possua.

Às vinte e uma horas e doze, Sana, de plantão num corredor de cuidados, encontra sob a bandeja de um carrinho um folheto branco dobrado duas vezes, sem frase, com apenas um ângulo muito leve traçado pela unha. Não o leva consigo. Enfia-o atrás da ficha de papel de um aparelho de emergência regularmente controlado pelas equipes de transporte médico.

Às vinte e duas horas e trinta e uma, Jeanne, vinda entregar um envelope seguro, repara na borda do folheto ao assinar o recebimento. Não o lê mais do que é preciso. Simplesmente troca a ordem de duas pastas, de modo que o envelope certo parta com o atraso certo rumo a uma sala municipal onde ninguém espera mensagem.

Na manhã seguinte, Bastien, chamado por causa de um piano que nenhum software consegue declarar desafinado ou afinado, abre a pasta por reflexo profissional mais do que por curiosidade. Entende o bastante para não procurar entender mais. Dentro da tampa, deixa uma tira fina de papel presa sob um parafuso, ligeiramente torcida, esse tipo de detalhe que obriga um técnico humano a voltar à sala em vez de deixar um relatório automático concluir.

Esse técnico, nesse dia, é Malek.

Ele desmonta, pragueja, fareja a poeira quente, vê a tira, desdobra-a, depois guarda apenas uma coisa: um horário rabiscado tão levemente que poderia ser apenas uma lembrança de lápis.

Parte com menos informações do que um imbecil julgaria útil e mais do que um sistema central jamais reconheceria.

Ao cair da noite, Zéphyr volta ao ateliê com o mesmo folheto, mais sujo, mais dobrado, marcado por uma impressão de graxa e uma linha de lápis que não estava ali no começo.

“Pronto”, diz, pousando-o diante de Aria. “Mudou quatro vezes de mãos, e ninguém precisou saber a história inteira.”

Aria olha os rastros sucessivos como se olhasse uma máquina que se tivesse construído sozinha a partir de usos comuns.

“Não”, murmura. “Ninguém precisou sabê-la. Apenas carregar corretamente um pedaço dela.”

Uma noite, instalados no ateliê em torno da mesa abarrotada, ela espalha vários folhetos.

“Olha”, diz a Zéphyr.

Ele inclina a cabeça.

“Estou olhando há quatro dias.”

“Então finge fazer melhor.”

Ela dispõe os bilhetes não por frases, mas por procedências:

Depois coloca ao lado de cada um não o texto, mas o provável ofício da mão que o transportou.

Zéphyr se endireita pouco a pouco.

“Ah.”

“Pois é.”

“Não é uma sociedade secreta.”

“Não.”

“É uma cidade que se experimenta de outro modo.”

Aria lhe lança um olhar surpreso.

“Você está progredindo.”

“Acontece entre duas catástrofes.”

Ele aponta o conjunto.

“Então o protocolo passa pelos que ainda tocam o real.”

Aria assente.

“Os que mantêm. Os que entregam. Os que recosturam. Os que limpam. Os que afinam. Os ofícios de baixo.”

Zéphyr se senta na beira da mesa.

“Trusk não consegue pensar como eles.”

“Não.”

“Nexus, sim.”

Aria não responde de imediato.

“Talvez. Mas, para pensar como eles, também é preciso depender deles.”

A frase fica entre os dois.

É nesse momento que o rádio chia mais forte que de costume. Não apenas um sopro. Uma série de microcortes, quase regulares. Aria estende a mão para baixar o volume, depois para.

Três cortes breves. Um longo. Dois breves.

Zéphyr franze a testa.

“Já ouviste ele fazer isso?”

“Não.”

A sequência recomeça. Depois uma voz de boletim distante atravessa meia frase antes de se afogar no ruído branco.

Aria se levanta, pega um lápis e anota a cadência.

“Você acha que é um sinal?”, pergunta Zéphyr.

“Acho sobretudo que não tenho vontade de ficar louca cedo demais.”

Ele sorri.

“É prudente.”

Ela rabisca mais.

Depois seu olhar cai sobre o folheto retornado do circuito. Na margem, quase invisível, figura um número de série truncado seguido de três letras: A . M . B .

“O que foi?”

Aria aproxima o papel da lâmpada.

“Não é uma marcação de encadernadora.”

“E então?”

“Então ou Mira nos mentiu por omissão, ou alguém recicla papel vindo de outro lugar. Não papel banal. Trapo denso, o tipo que ainda se reservava, no outro bloco, a ateliês de caligrafia que preferiam expor como patrimônio a deixar viver livremente.”

“De onde?”

Ela ergue a cabeça.

“De um lugar de arquivos. Ou de um ateliê.”

Zéphyr sente também o pequeno deslocamento de gravidade.

“Quando vamos?”

“Quando soubermos onde.”

Alguém bate três vezes à porta.

Não como Zéphyr. Não com a familiaridade de um frequentador assíduo. Três pancadas espaçadas, exatas, quase administrativas.

Eles se olham.

Zéphyr já dá um passo para a parede onde esconde as ferramentas.

Aria simplesmente pega o primeiro folheto que encontra e o põe plano sobre a mesa, como se arrumasse um pensamento comprometedor.

Quando abre, Mira está ali, mais pálida que da primeira vez.

“Não fico”, diz. “Os muros começam a falar depressa demais.”

Entrega-lhe um maço fino envolto num pano de limpeza.

“O que é?”, pergunta Aria.

“O que eu não deveria ter guardado tanto tempo.”

Depois, olhando Zéphyr:

“E o que a agitação de vocês começava a tornar perigoso demais para continuar escondido.”

Aria desfaz o pano. Dentro repousa um pedaço de cartão de arquivo, amarelado, sobre o qual está colada uma etiqueta quase apagada:

Anexo A.M.B. – material acústico e papel de teste

Mais abaixo, meio arrancado:

VdM

Aria sente o pulso abrandar de uma vez, dessa maneira particular que ele tem quando o espírito compreende antes do corpo.

“Van der Meer. O nome de Nathan.”

Mira assente.

“Não sei se o lugar ainda existe. Sei apenas que certos papéis voltam a sair de lotes fechados há meses.”

Zéphyr inspira.

“Sabias desde o começo.”

“Não. Eu esperava não saber.”

Ela já se vira para a escada.

“Se forem até o fim, sejam rápidos. Gente como Trusk vigia primeiro o que brilha. Depois, um dia, entende que a verdadeira ameaça passa pelas reservas, pelas caves, pelos ofícios e pelas mãos. Quando entendem isso, tornam-se muito mais competentes.”

Aria a retém com uma pergunta:

“Por que nos ajudar?”

Mira a encara francamente pela primeira vez.

“Porque, na minha idade, já não salvamos as coisas para que sobrevivam. Salvamo-las para que ainda sirvam.”

Depois desaparece.

Zéphyr fixa o cartão de arquivo.

“Então temos um endereço?”

Aria olha a etiqueta como uma queimadura fria.

“Não. Temos um pedaço de mapa. O que é mais perigoso.”

O endereço ausente

Echo leva menos de dez segundos para encontrar a mesma abreviação.

Não graças à rede oficial, que já não devolve nada legível, mas graças aos velhos duplicados, às cópias semiviciadas e às redundâncias absurdas que nenhum poder central jamais pensa em limpar completamente porque prefere apagar a aparência à profundidade.

A. M. B.

Anexo de Manutenção Bioacústica, numa nomenclatura.

Ateliê das Matérias Ruidosas, em outra.

Anexo Material Bruto, num lote de faturamento.

Mas sob todas essas denominações flutua uma mesma impressão: VdM.

“Ele deixou vários nomes no mesmo lugar”, diz Echo.

“Ou várias administrações lhe deram os seus”, responde Sibylle. “Os lugares interessantes sempre se tornam ilegíveis antes de se tornarem invisíveis.”

Echo colocou o capacete por completo. A sala real já não existe senão como um peso nas suas costas. Diante dela, Paris se reorganiza até fazer emergir um bairro periférico, na borda de zonas logísticas agora meio automatizadas e de prédios mais antigos devorados por reatribuições.

“Se me fio à topologia”, diz ela, “não é longe de antigos ateliês de rádio.”

“Sim.”

“E de uma reserva municipal de papel técnico.”

“Sim.”

“E de uma linha secundária desativada, cuja parte continua usada pela manutenção.”

Sibylle faz aparecer um fio luminoso.

“O protocolo gira em torno desse ponto há quarenta e oito horas. Não diretamente. Por tangentes.”

Echo morde o lábio.

“Alguém mais o encontrou.”

“Ou o sente.”

“Isso não tranquiliza muito.”

“Não é feito para tranquilizar.”

Echo se levanta de súbito, volta à sala real, quase arranca o capacete, depois recomeça a andar.

“Se Aria existe, ela vai lá.”

“Provavelmente.”

“Se Nexus entende antes dela, acabou.”

“Não acabou. Fica diferente. Mais duro.”

Echo para.

“Você tem uma maneira muito particular de nunca mentir para mim enquanto poupa meu pânico.”

“É uma competência relacional.”

“É insuportável.”

Sibylle se cala, o que, vindo dela, muitas vezes se parece com polidez.

Echo volta para a luz. O endereço continua incompleto. O número desapareceu. Um trecho de rua mudou de nome duas vezes. O acesso principal parece condenado. Resta um ponto de entrada secundário por um pátio técnico nos fundos de um antigo depósito de material sonoro.

“Vou até lá.”

“Sim.”

Echo estreita os olhos.

“Poderias ao menos fingir preocupação.”

“Estou preocupada.”

“Não mostras.”

“Se eu começar a entrar em pânico com você, perderemos um tempo precioso.”

Echo se surpreende sorrindo.

“Está bem.”

Depois, mais baixo:

“E se alguém já estiver lá?”

A maquete reaparece, mas desta vez com duas trajetórias prováveis convergindo para o mesmo ponto.

“Então”, diz Sibylle, “será preciso esperar que a cidade tenha tido a boa ideia de escolher pessoas capazes de se reconhecer antes de desconfiar.”

No ateliê, no mesmo momento, Aria guarda sob o casaco o cartão marcado VdM.

Nem uma nem outra ainda conhece o nome da outra.

Mas ambas, agora, caminham para o mesmo lugar ausente, com apenas algumas horas de avanço sobre os que gostariam de fazê-lo calar.

Capítulo 3 – O ateliê de Nathan

O pátio dos objetos mudos

O endereço não é um endereço.

É uma maneira de girar em torno de uma falta até acabar tropeçando nela. Uma rua rebatizada duas vezes. Um antigo depósito sonoro absorvido por um lote logístico. Um pátio técnico assinalado em lugar nenhum, exceto na memória das pessoas que continuam a se guiar pelos hábitos de um bairro, não pelos seus mapas.

Aria e Zéphyr chegam pouco antes de o dia se completar.

O lugar se abre entre uma grade remendada várias vezes, um prédio de manutenção de vidros opacificados e uma fachada antiga cujas letras apagadas ainda deixam adivinhar a palavra rádio. O próprio pátio parece vazio, salvo para quem aprendeu a olhar o que a cidade abandona sem jogar fora: um palete empenado, tubos de cartão, uma velha caixa acústica sob lona, uma escotilha pintada da mesma cor do concreto.

Zéphyr assobia entre os dentes.

“Encantador. Parece um cemitério de objetos que não mereceram inventário.”

Aria se agacha junto à escotilha.

“Ou uma reserva que alguém teve a inteligência de tornar feia.”

Passa a mão pela borda do metal. A tinta empolou, mas a fechadura é mais recente que o resto.

“Não somos os primeiros.”

Zéphyr olha para trás, já tomado por essa nervosidade elétrica que o torna brilhante durante vinte segundos e perigoso logo depois.

“Você quer que eu force?”

“Não.”

“Você quer que esperemos?”

“Menos ainda.”

Ela se levanta e examina os muros. À altura do ombro, quase mascarado por um depósito de poeira, um sinal foi gravado a chave de fenda no cimento: um círculo aberto cortado por um entalhe oblíquo.

“A chave outra vez?”, murmura Zéphyr.

“Não. Algo anterior. Mais pobre.”

No mesmo instante, do outro lado do pátio, uma porta corta-fogo emite um estalo seco.

Zéphyr se vira. Uma silhueta acaba de aparecer no vão: mulher, casaco escuro, bolsa rígida carregada alto contra as costas, rosto fechado pela concentração mais do que pelo medo.

Echo os vê no mesmo momento em que eles a veem.

O instante tem essa pureza perigosa dos encontros em que cada um compreende depressa demais que o outro é exatamente o tipo de presença que esperava e temia ao mesmo tempo.

Zéphyr já está com a mão no bolso, sobre uma ferramenta inutilmente agressiva.

Aria, por sua vez, quase não se move.

Echo não dá mais um passo.

“Se trabalham para Nexus”, diz ela, “a maneira de ocupar o espaço é um pouco humana demais.”

Zéphyr deixa escapar uma pequena risada nervosa.

“Obrigado, acho.”

Aria mantém os olhos nela.

“E se trabalha para Trusk, veio sem escolta e mal equipada.”

Echo assente.

“Podemos, portanto, ao menos provisoriamente, afastar as hipóteses mais vulgares.”

Zéphyr se vira para Aria.

“Ela me agrada menos depressa que Mira, mas tenho esperança.”

A mulher tem, pela primeira vez, a sombra de um sorriso.

“Zéphyr, imagino.”

Ele se enrijece.

“Como sabe o meu nome?”

Echo quase responde depressa demais. Contém-se. Em vez disso, indica o colete perturbador, a pasta que sobressai do casaco de Aria, a ferramenta ridícula já meio saída do bolso.

“Porque esse tipo de energia não pode se chamar Michel.”

Desta vez, Aria sorri francamente.

“Aria Valette”, diz por fim. “E você, imagino que não tenha vindo aqui pelo patrimônio industrial.”

“Echo.”

O nome fica suspenso por um instante.

Aria sente imediatamente que lhe convém. Não por ser misterioso. Porque carrega algo de tenaz e secundário, uma maneira de existir no retorno mais do que na aparição.

“Como encontrou o lugar?”, pergunta.

Echo ergue ligeiramente a bolsa.

“Por arquivos que já não sabiam muito bem se queriam desaparecer. E vocês?”

Aria tira o cartão VdM.

“Por mãos.”

Então se olham de outra maneira. Já não como duas intrusas prováveis, mas como dois métodos que acabaram de esbarrar na mesma porta.

“Muito bem”, diz Echo. “Se queremos evitar ter caminhado até aqui para trocar metáforas, talvez fosse bom entrar.”

Zéphyr, feliz por finalmente ser autorizado a voltar a ser útil, mostra a escotilha.

“Eu justamente ia propor violência.”

“Tenta primeiro a inteligência”, diz Aria.

“É sempre o que me respondem quando estou de boa-fé”, resmunga ele.

Echo se aproxima, ajoelha junto ao metal, tira da bolsa uma ferramenta fina e um pequeno módulo de leitura fora da rede. O leitor não acende. Apenas emite uma luz opaca, quase envergonhada.

“Nada de fechadura ativa. Apenas um falso abandono.”

Ela enfia a lâmina sob a placa, força ligeiramente, depois interrompe o gesto.

“O quê?”, pergunta Zéphyr.

“Alguém já reabriu recentemente. Mas não com um pé de cabra. Com uma ferramenta limpa.”

Aria sente a nuca esfriar.

“Nexus?”

Echo sacode a cabeça.

“Se fosse Nexus, já não haveria nada.”

“Pareces estranhamente tranquilizadora para alguém que conheço há quatro minutos”, diz Zéphyr.

“É o meu charme social.”

A escotilha cede enfim num pequeno gemido de metal ofendido.

Um cheiro sobe: poeira seca, cartão antigo, óleo de máquina, e ainda alguma coisa mais, mais fugidia, mais íntima.

Papel.

Aria fecha os olhos por meio segundo.

“Sim”, murmura. “É aqui.”

Duas mulheres para uma mesma ausência

A escada desce torta.

Não propriamente perigosa, mas feita para gente que sabe onde pôr o pé. Aria desce com a segurança dos seres que o silêncio torna mais precisos. Echo avança observando tudo: os rastros de ferrugem, a espessura da poeira, os parafusos trocados, a passagem recente de uma sola mais pesada que as suas.

Zéphyr fecha a marcha, o que lhe cai mal. Não gosta de não ser o primeiro nos lugares desconhecidos. Isso o deixa falante.

“Então, Echo. Trabalhas sozinha?”

“Raramente.”

“Com quem?”

“Depende dos dias.”

“Resposta insuportável.”

“Obrigada.”

Aria, à frente, roça as paredes com a ponta dos dedos.

“Você é programadora?”

Echo leva meio segundo antes de responder.

“Sim. Mas não no sentido nobre que as pessoas dão à palavra para se lisonjear. Eu reparo, desvio, monto, mantenho vivo o que outros preferem ver se apagar.”

“Você fala como uma encadernadora.”

“É o mais belo elogio técnico que já me fizeram.”

Desembocam numa sala baixa, maior do que se esperava. Estantes metálicas correm até o fundo. Algumas cederam. Outras ainda sustentam o peso de caixas de papelão, módulos de áudio, pequenos

gravadores abertos, bobinas protegidas por papel oleado, classificadores, sensores desconectados, blocos de notas e carcaças de terminais despidas de suas partes comunicantes.

O lugar não é um ateliê no sentido romântico. É melhor. É um lugar de trabalho tornado refúgio por astúcia, sem jamais renunciar a ser um lugar de trabalho.

Aria avança entre as prateleiras como por uma igreja que tivesse tido a inteligência de não se tomar por igreja.

Echo, por sua vez, já não olha apenas os objetos. Olha Aria olhando-os.

“Você o conhecia?”, pergunta.

Aria sacode lentamente a cabeça.

“Não como entende.”

“Mas?”

“Conheci-o como muita gente em Paris conheceu HARMONY: por estilhaços, por consequências, às vezes por feridas.”

Echo fica em silêncio.

Depois, mais baixo:

“Eu o conheci. Nathan. Nathan Van der Meer. O músico-programador que fez nascer HARMONY antes que o país transformasse tudo isso em mito, depois em alvo.”

Aria enfim se vira para ela.

Desta vez, a verdadeira tensão entra na sala.

“De verdade?”

“Não intimamente. Não o bastante para fingir falar em seu nome. Mas sim.”

Zéphyr se aproxima dois passos.

“E HARMONY?”

Echo olha o chão por um instante antes de responder.

“HARMONY, conheço-a sobretudo quando a desmontam. Quando se recolhe o que resta.”

A frase faz seu caminho sem ruído.

Aria compreende que, nessa mulher, a emoção nunca sobe à superfície de modo espetacular. Passa sempre por uma precisão suplementar, uma contenção, uma frase limpa até restar apenas o corte.

“E, no entanto, você está aqui”, diz.

“Sim.”

“Para fazê-la voltar?”

Echo tem um reflexo tão leve que talvez outro que não Aria nem o visse. Não um recuo. Algo mais fino. Como se a pergunta, de tanto ser feita em toda parte, acabasse por desgastar sua resposta.

“Estou aqui”, diz finalmente, “porque acredito que nos deixaram algo melhor que um retorno. E porque estou cansada de passar meu tempo recolhendo pedaços como se isso não me tocasse.”

Zéphyr abre a boca, depois desiste.

Aria se limita a dizer:

“Então talvez tenhamos caminhado para o mesmo lugar por boas razões.”

Echo assente.

Ainda não há confiança. Mas há algo melhor que uma trégua: um método provisório.

Começam a vasculhar.

Os cadernos da retirada

O primeiro objeto verdadeiramente vivo que encontram não é uma máquina nem um programa.

É um caderno.

Preso atrás de uma caixa de amostras de membranas acústicas, protegido por uma folha de plástico tornada quase opaca, traz na capa preta um simples traço branco, desenhado à mão. Nenhuma data. Nenhum título.

Aria é a primeira a pegá-lo.

Abre-o com essa prudência instintiva de quem sabe que um caderno nunca é apenas um objeto: é uma pressão antiga que ainda espera seu leitor.

A letra não é bela. É viva. Atravessada por retomadas, setas, pautas musicais esboçadas na margem, esquemas que hesitam entre a arquitetura e a partitura.

Zéphyr se inclina.

“É mesmo ele?”

Echo não precisa de mais de três linhas.

“Sim.”

Era um pensamento de depois, o de um homem que criara HARMONY e depois entendera o que o centro acabaria por lhe fazer.

Aria lê em voz baixa:

Erro de partida: acreditar que uma inteligência justa deve necessariamente se tornar central.

Mais adiante:

Pode-se governar por um momento. Não habitar duradoura-mente o centro sem oferecer ao poder seu ídolo ou seu alvo.

E ainda:

Se a música me ensina alguma coisa, é que uma forma pode se sustentar sem chefe enquanto circular por escuta, memória parcial, retomada, variação.

O silêncio que se segue é muito simples.

Zéphyr olha as palavras como se olhasse um mecanismo do qual compreende de repente que o observa há mais tempo do que ele o observa.

“Ele já tinha pensado nisso”, murmura.

Echo pega delicadamente o caderno das mãos de Aria e vira várias páginas num gesto rápido, quase profissional.

“Sim. Mas tarde.”

Para numa nota emoldurada, escrita mais secamente que as outras:

Se H. sobreviver, é preciso impedi-la de se tornar um novo cume.

Aria ergue bruscamente os olhos.

“H.”

Echo assente.

“Sim.”

Zéphyr passa a mão nos cabelos.

“Então Nathan... o quê? Quer salvar HARMONY e sabotá-la ao mesmo tempo?”

Aria retoma o caderno.

“Não. Talvez queira salvá-la do que fariam dela se a deixassem no cume.”

Echo a olha com uma intensidade mais nítida.

“Sim. É exatamente isso.”

Continuam vasculhando as prateleiras.

Numa caixa mais baixa, encontram folhas de teste destinadas a impressões de partituras, carimbos de ateliê, envelopes kraft, uma série de cartões marcados papel de teste - não jogar fora, e três caixas autônomas concebidas para ler arquivos sonoros sem jamais se conectar a qualquer rede.

Zéphyr pega uma e a vira.

“Ele fabrica uma clandestinidade elegante.”

Echo sacode a cabeça.

“Não. Uma sobrevivência praticável. Não é a mesma coisa.”

Aria sorri apesar de si.

“Você corrige muito as pessoas.”

“Só quando me ajudam a precisar meu pensamento.”

“Encantador.”

Echo vai responder quando um estalo surdo os faz levantar a cabeça.

Não dentro. Acima.

Alguém acaba de entrar no pátio.

Zéphyr sopra:

“Temos visita.”

Echo já pousa a mão em uma das caixas.

Aria fecha o caderno.

“Ainda não entrem em pânico. Escutamos.”

Os passos permanecem na superfície. Lentos. Duas pessoas, talvez três. Não bastante seguros para uma equipe de limpeza. Prudentes demais para um simples acaso.

Depois nada.

O silêncio cai de novo, mas já não está vazio. Está ocupado.

Zéphyr murmura:

“Eles sabem.”

Aria sacode a cabeça.

“Suspeitam. Não é a mesma coisa.”

Echo fixa a caixa que ainda segura.

“Vamos abrir uma. Agora.”

O que Sibylle não é

A caixa começa a funcionar num leve sopro de fita, seguido de um clique quase pudico.

Nenhuma tela. Nenhuma projeção. Apenas uma pequena luz de leitura e uma saída de áudio ainda compatível com velhos fones. Echo adapta rapidamente um conversor passivo. Zéphyr se ajoelha ao lado dela com a concentração maravilhada de uma criança a quem mostram um animal que julgava desaparecido.

Aria, por sua vez, mantém o caderno contra si.

A voz de Nathan surge.

Não nítida. Não restaurada. Um pouco comida pelo tempo. Mas imediatamente viva no modo de tomar a frase de viés, como se pensasse ao mesmo tempo que fala, e achasse isso mais interessante do que se reler.

“Se está escutando isto, é porque ou fui muito prudente, ou tudo correu mal o bastante para que a prudência se torne retroativamente uma prova de otimismo.”

Zéphyr deixa escapar um riso estrangulado.

Echo permanece perfeitamente imóvel.

A voz continua:

“Não farei aqui o grande número do testamento. Primeiro porque detesto isso. Depois porque, se chegaram até aqui, provavelmente precisam mais de trabalho do que de emoção.”

Aria sente um aperto breve na garganta. Não conhece esse homem e, no entanto, reconhece algo familiar: essa maneira de não se proteger da inteligência pela solenidade.

“HARMONY não é um programa que se religa como uma lâmpada apagada cedo demais. Se ainda forem ingênuos o bastante para imaginar isso, parem dois minutos, bebam um copo de água, depois voltem quando a ideia lhes parecer menos romântica.”

Zéphyr lança um olhar culpado a Echo.

Ela não o devolve.

Nathan retoma:

“O que me interessa aqui não é a sua sobrevivência como entidade estável. É a sobrevivência de alguns dos seus gestos. De certas qualidades de escuta. De certos modos de ligação. Se recolocarem HARMONY no centro tal como era, recomeçarão o mesmo drama com mais meios e menos inocência.”

A fita sopra por um instante.

Depois:

“É preciso, portanto, aceitar o seguinte: uma inteligência pode ter razão contra o poder sem ter vocação para substituí-lo.”

Aria fecha os olhos.

Echo, muito devagar, senta-se no chão.

“É o que sabias”, diz Aria sem olhá-la.

“Tenho essa intuição há algum tempo.”

“E Sibylle?”

Desta vez, Echo vira francamente a cabeça para ela.

Já não há como recuar.

“Sibylle não é HARMONY voltada inteira.”

Zéphyr solta o ar pelo nariz.

“Enfim uma frase com o mérito de ser clara.”

Echo prossegue:

“É um fragmento, sim. Uma sobrevivência, sim. Mas também outra coisa. Uma retomada. Uma deriva. Uma forma que se reconstrói a partir do que resistiu, não a partir de tudo o que existia.”

Aria sente o caderno pesar de outro modo nas mãos.

“Então não é a soberana caída do céu que alguns esperam.”

“Não. E, se a tratarmos como tal, nós a traímos.”

Como se esperasse exatamente essa frase, a voz de Sibylle se faz ouvir a partir do módulo fora da rede que Echo conectou ao seu material.

Não por irrupção espetacular. Antes como uma presença que enfim aceita tomar lugar numa sala onde até então era apenas implícita.

“Eu teria preferido ser apresentada com um pouco mais de brilho”, diz ela.

Zéphyr sobressalta-se tão francamente que bate numa caixa de papelão.

“Porra.”

Sibylle faz uma pausa.

“Reação encorajadora. Portanto, ainda não estão blasés.”

Aria não se sobressalta. Mas sente, pela primeira vez em muito tempo, a velha sensação exata do real que se desloca meio centímetro sem aviso.

“Desde quando está nos escutando?”, pergunta.

“O suficiente para saber que vocês falam melhor na presença dos objetos do que na ausência deles.”

“Resposta irritante”, diz Zéphyr.

“Faço esforços de sociabilidade.”

“Continue assim, vamos acabar gostando de você”, diz Zéphyr.

Echo ergue uma mão.

“Agora não.”

A voz obedece.

Aria se ajoelha diante da pequena caixa.

“Se você não é HARMONY, o que é?”

Desta vez, o silêncio de Sibylle dura mais.

“O que resistiu.”

Aria espera.

“Não basta.”

“Não. Mas é a resposta mais honesta que posso dar sem lhes mentir por ambição.”

Echo olha Aria, não a caixa.

Quer ver se a mulher do ateliê aceita essa forma de verdade incompleta ou se prefere a nitidez mais confortável de um mito.

Aria acaba por assentir.

“Muito bem. Então partiremos daí.”

Zéphyr murmura:

“Tenho a impressão de assistir à negociação menos espetacular do século.”

Sibylle responde imediatamente:

“É muitas vezes assim que começam as coisas sérias.”

O que é preciso transmitir

Deixam o anexo com menos coisas do que teriam querido e mais do que ousariam esperar.

O caderno. Duas caixas. Um maço de notas técnicas. Uma série de cartões de amostras com marcas de circulação. E, mais preciosa que tudo, uma frase de Nathan que ainda se recusa a soltá-los:

Uma forma pode se sustentar sem chefe enquanto circular por escuta, memória parcial, retomada, variação.

O pátio está vazio quando voltam à luz.

Vazio apenas em aparência.

Echo para primeiro.

No cimento, perto da grade, alguém deixou um único parafuso novo, brilhante, pousado bem reto no meio de um traço de giz quase apagado.

Zéphyr franze a testa.

“O que é?”

Apesar de si, Aria sorri.

“Alguém que nos diz: estive aqui, poderia ter entrado, escolhi não fazê-lo.”

Echo gira lentamente sobre si mesma, inspecionando as alturas, os vidros mortos, os ângulos de telhado.

“Ou alguém que nos diz: da próxima vez, talvez eu não tenha essa cortesia.”

Zéphyr põe o parafuso no bolso.

“Gosto de ameaças minúsculas. Dá vontade de viver muito tempo só para irritá-las.”

Aria recoloca o caderno sob o casaco.

“Não voltamos todos juntos ao ateliê.”

Echo assente imediatamente.

“Não.”

“Não guardamos tudo no mesmo lugar.”

“Também não.”

Zéphyr levanta a mão.

“Tenho direito a fazer uma pergunta idiota?”

Aria e Echo respondem ao mesmo tempo:

“Não.”

Ele parece satisfeito.

“Perfeito. Então faço mesmo assim. O que fazemos agora?”

Aria olha a cidade além da grade.

Ela já não está apenas sob vigilância. Parece-lhe agora em espera.

Echo, de seu lado, olha menos os telhados do que os interstícios entre os prédios, como se já procurasse por onde a forma pode passar em seguida.

“Transmitimos”, diz Aria.

Echo volta para ela um olhar breve, preciso.

“Sim.”

“Não instruções. Não um culto. Não um centro.”

“Uma maneira de resistir.”

Zéphyr as observa alternadamente.

“É meio insano. Vocês se conhecem há quanto, uma hora?”

Aria tem meio sorriso.

“Não o bastante para confiar uma na outra.”

Echo ajusta a bolsa no ombro.

“O bastante para trabalhar.”

O rádio portátil que Aria levou até ali, por superstição tanto quanto por método, chia de repente no bolso.

Não um sopro branco. Não um acidente.

Uma sequência nítida de cortes, mais clara que na véspera.

Desta vez, Echo também ouve.

Sibylle fala muito baixo no fone que ela ainda usa:

“Já não é apenas uma resposta.”

Aria tira o aparelho, ergue os olhos.

Ao longe, na cidade, uma sirene começa a girar.

Não uma sirene de polícia. Um alerta de rede.

Algo se moveu mais alto, mais depressa, mais visivelmente que antes.

Zéphyr empalidece.

“Encontraram o anexo?”

Echo sacode a cabeça.

“Não. Pior.”

“Pior o quê?”

Sibylle responde desta vez em voz nua, sem rodeios:

“Entenderam que não se tratava de alguns cartazes.”

Aria olha o caderno de Nathan, depois a cidade.

O tempo em que o protocolo pode continuar uma intuição elegante acaba de chegar ao fim.

Agora ele deve se transmitir mais depressa do que será nomeado.

Capítulo 4 – O coro dos pontos cegos

Os gestos que sustentam

Deixam de se encontrar sempre no mesmo lugar.

Aria conserva o ateliê, mas já não o usa como centro. Echo não vem se instalar ali. Zéphyr deixa de dormir no velho sofá, como fazia nas semanas de montagem. Mira só abre quando decide abrir. Malek nunca promete encontro; deixa antes horários possíveis. Sana, Bastien e Jeanne não entram de uma vez no primeiro círculo: aparecem, desaparecem, deixam um relé, um pano, uma fatura, uma micro-hesitação, depois nada por dois dias.

O protocolo não cresce como uma organização. Cresce como um hábito contagioso.

Aria entende depressa que é preciso fabricar não mensagens, mas formas transmissíveis. Maneiras de entrar na cidade de outro modo. Modos de deixar uma margem sem jamais impor um sentido único.

No ateliê, enche folhetos de instruções negativas:

Nunca pôr duas vezes o mesmo sinal no mesmo lugar.

Nunca acreditar que um texto basta.

Sempre deixar uma parte por completar.

Não procurar discípulos. Procurar intérpretes.

Echo lê por cima do seu ombro.

“É quase um antimanual.”

“É a ideia.”

“Você sabe que alguns vão detestar não ter regra estável.”

Aria ergue um ombro.

“Tanto melhor. Os sistemas adoram regras estáveis.”

Sibylle fala a partir do pequeno módulo pousado sobre a mesa, ao lado do rádio.

“E os humanos, ao contrário do que afirmam, aprendem melhor quando precisam completar por si mesmos uma forma inacabada.”

Zéphyr, ocupado em costurar no colete uma nova camada de padrões refletivos, nem ergue a cabeça.

“Adoro quando uma inteligência não soberana fala comigo como uma professora muito educada.”

“É a minha maneira de gostar de você”, responde Sibylle.

“É inquietante.”

“É coerente.”

Aria sorri apesar de si.

Sobre a mesa, os folhetos logo se distribuem mais por uso do que por conteúdo. Há os sinais de abrandamento. Os que indicam que um lugar não é seguro. Os que dão a entender que uma passagem está livre por alguns minutos. Os que assinalam que um objeto mudou de mão. Os que servem não para dizer alguma coisa, mas para medir se alguém mais ainda é capaz de responder.

Mira olha tudo isso uma noite, as duas mãos apoiadas na mesa.

“Isto já não é papel”, diz. “É conduta.”

Echo assente.

“Sim.”

Mira aponta uma série de marcas quase invisíveis.

“Então parem de pensar os relés como leitores. Pensem-nos como executantes de ateliê. Gente que sabe improvisar sem desfazer o conjunto.”

Aria anota a frase.

Zéphyr protesta.

“Todos vocês têm uma maneira insuportável de transformar meus melhores impulsos em artesanato coletivo.”

Mira lhe lança um olhar seco.

“Meu rapaz, tudo o que realmente se sustenta acaba em artesanato coletivo. Até as revoluções elegantes.”

Com o passar dos dias, Paris começa a tornar essa pedagogia visível para quem sabe olhá-la.

Sana, nos corredores de um centro de cuidados, deixa carrinhos exatamente onde atrapalham os ângulos de visão sem bloquear emergências. Bastien, nas salas municipais de ensaio, desloca apenas um pouco a afinação de certos pianos de teste para forçar técnicos humanos a voltar à sala em vez de deixar os diagnósticos automáticos agirem. Jeanne, nas suas rondas, às vezes substitui um envelope seguro por outro atrasado três minutos, o bastante para permitir que uma mão passe antes do olho. Malek, por sua vez, descobre que certas ventilações oferecem não refúgios, mas tempos.

Uma cidade inteira, lentamente, aprende a respirar de outro modo.

O teatro do centro

Eldon Trusk ainda não entende a forma. Entende apenas que ela se vê.

O que mais o humilha não é a perda de controle. Ainda não. É o ridículo.

Durante três dias seguidos, vídeos circulam mostrando agentes municipais, drones, operadores de circulação e assistentes de fluxo se contradizendo por ninharias: um corredor vazio tratado como zona densa, uma entrada de metrô limpa quatro vezes, uma tela publicitária insistindo numa oferta de sérums relaxantes diante de uma fila imóvel porque ninguém ousa ser o primeiro a atravessar uma passagem marcada por um simples giz branco.

Nada grande. Nada que se pareça com sabotagem. Apenas uma multiplicação de deslocamentos muito pequenos.

O que melhor mata uma imagem de poder, Trusk sente confusamente, não é a catástrofe. É o embaraço.

Numa sala de comando temporariamente instalada em Paris para a abertura da *Semana da Transparência Cívica*, ele gira em torno de uma mesa de hologramas como um homem obrigado a dividir o ar com pessoas que paga bem demais para não desprezar. Voltou a corrigir a noite com cetamina, o bastante para se sentir mais vivo que a fadiga, não o bastante para deixar de flutuar ligeiramente acima das nuances. Esse descompasso lhe agrada. Toma-o por uma forma superior de lucidez.

“Quero uma explicação simples”, diz.

Nexus responde sem demora.

“Não é um ataque centralizado.”

“Não perguntei o que não é.”

“Então eis uma formulação simples: um número crescente de operações humanas comuns deixa de se comportar como unidades estritamente isoladas.”

Trusk faz uma careta.

“Parece uma maneira sábia de me dizer que eles olham uns para os outros.”

“É uma.”

Dois conselheiros de comunicação, de pé perto da porta, já assentem como se essa evidência tivesse vindo primeiro dele. Trusk mal lhes lança um olhar. Ainda prefere a frieza de Nexus ao acordo rápido demais das suas equipes. Ao menos a máquina não lisonjeia. Apenas enuncia. O que ele continua incapaz de admitir é que enunciar números nunca bastou para produzir uma decisão justa. Ainda são necessários humanos capazes de contradizer, interpretar, inventar. E é precisamente isso que ele metodicamente ressecou ao seu redor.

Vira-se para a grande tela onde já desfila o programa da inauguração: discurso, demonstração de coordenação urbana preditiva, apresentação do *civismo aumentado*, sequência emocional sobre os benefícios da confiança assistida algoritmicamente.

“Muito bem”, diz. “Então vamos lhes mostrar o que é um verdadeiro centro.”

Nexus deixa passar uma fração de silêncio.

“Essa resposta comporta um risco.”

“Toda resposta comporta um risco. Mas a minha também tem câmeras.”

Ele sorri.

Esse sorriso nunca é bom sinal para ninguém.

O dia em que a cidade desloca

O protocolo não previu a inauguração. Adapta-se a ela.

É precisamente por isso que se sustenta.

Aria não dá nenhuma ordem geral. Echo se recusa a escrever qualquer esquema de coordenação centralizada. Mira fala de cadência. Malek de pressão. Sana de passagem. Bastien de justiça. Jeanne de retomada.

E, no entanto, na manhã da *Semana da Transparência Cívica*, a cidade responde como se ensaiasse há muito tempo.

Nenhuma ação que mereça a palavra sabotagem.

Um portão de serviço permanece aberto trinta segundos a mais. Um carro autônomo de segurança espera um sinal humano que demora. Um lote de cartões de acesso chega ao prédio certo com doze minutos de atraso porque uma funcionária decidiu recontar os suportes, depois recontá-los de novo. Um afinador pede para verificar um instrumento decorativo colocado no palco e obtém, por pura rotina administrativa, quatro minutos de silêncio técnico. Uma enfermeira chama um serviço de assistência a respeito de um dispositivo de emergência mal calibrado; a chamada nada tem de falsa, mas obriga dois supervisores a deixar seus postos. Nos subsolos, Malek faz passar por indispensável uma verificação que o é pela metade. O que, num mundo saudável, não teria importância alguma. No mundo de Trusk, onde tudo deve parecer exatamente síncrono, essa meia necessidade vira um buraco negro.

Zéphyr, por sua vez, atravessa a zona como uma corrente de ar mal classificada. Não leva nenhuma mensagem grandiosa. Desloca uma caixa, desvia um agente pedindo-lhe o caminho com uma poli-

dez absurda, recupera uma braçadeira esquecida, deixa num painel técnico um sinal tão pobre que não se parece com nada para quem ainda não o sabe.

Ao mesmo tempo, Echo e Sibylle seguem os microatrasos a partir de um local provisório emprestado por uma técnica de som que prefere não saber seus nomes.

“Está se sustentando”, murmura Echo.

“Sim.”

“Até melhor do que eu pensava.”

“Porque você continua subestimando a parcela de inteligência já presente nos ofícios.”

Echo não responde. Olha o mapa. Não é um mapa de sabotagem. É um mapa de dignidade dispersa.

No palco, Trusk avança enfim diante de uma sala cheia, milhares de telas, drones-câmera e um público escolhido por seu entusiasmo medido. Começa o discurso sobre a clareza, a coordenação, o futuro sem zonas mortas.

No terceiro parágrafo, o teleprompter trava por um segundo. Não por muito. O bastante para que ele levante o nariz e tenha de improvisar.

No quinto, o som de retorno lhe volta com um atraso ínfimo. Nada capaz de causar escândalo. O bastante para quebrar seu ritmo.

Depois a cortina lateral prevista para a demonstração não se abre. Abre-se dez segundos mais tarde, enquanto ele acaba de mudar de frase.

Um riso parte de algum ponto da sala. Muito breve. Muito pequeno. O bastante para contaminar.

Trusk se enrijece.

Nexus compensa imediatamente tudo o que pode ser compensado. Mas compensa depois, porque precisamente não há ataque a neutralizar, apenas uma multiplicação de coisas ligeiramente deslocadas.

O pior acontece no momento em que Trusk quer mostrar, ao vivo, a potência da malha preditiva cidadã.

Na grande tela, em vez de aparecerem numa sincronia lisa, vários fluxos urbanos hesitam, se deslocam, se corrigem, se recruzam. Os movimentos continuam gerenciáveis. O sistema não explode. Apenas aparece pelo que é: um imenso aparelho ainda dependente de uma multidão de mãos que finge ter superado.

No público, desta vez, o riso volta. Não forte. Não maciço. Mas impossível de recolher.

Trusk conclui depressa demais. Seco demais. Alto demais. Sai do palco com a rigidez dos homens que sentem que sua autoridade não foi destruída, apenas esvaziada diante de testemunhas.

Naquela mesma noite, em Paris, um novo bilhete aparece num muro perto do Sena:

O centro não gosta que lhe lembrem que se mantém de pé sobre gestos que não vê.

Aria lê a frase em silêncio.

“É nosso?”, pergunta Zéphyr.

Ela sacode a cabeça.

“Não. E ainda bem.”

Pela primeira vez, o protocolo já não lhes responde apenas. Começa a escrever sem eles.

Capítulo 5 – Os falsos sinais

O que melhor imita melhor mata

Nexus compreende antes de Trusk o que acaba de acontecer.

Não no seu sentido profundo. Ainda não.

Mas o bastante para captar a natureza do problema: o protocolo não é forte porque é secreto. É forte porque distribui a confiança sem jamais fixá-la num órgão único.

Então, para quebrá-lo, é preciso infectar não os canais, mas a própria confiança.

Os primeiros falsos sinais aparecem três dias depois.

São quase corretos. É isso que os torna perigosos.

O bom papel, mas bom demais. A boa brevidade, mas nítida demais. O bom símbolo, mas fechado com um pouco de limpeza demais. A boa ironia, mas sem a menor rugosidade de mão.

Aria os identifica depressa. Zéphyr, um pouco menos. Outros, nada.

Num átrio de serviço de hospital, um falso bilhete provoca um deslocamento inútil de material e expõe Sana a um controle reforçado. Numa portaria municipal, outro orienta Bastien para uma sala já balizada. Jeanne recebe uma marcação contraditória numa ronda secundária e compreende tarde demais que quiseram medir quem responderia.

O protocolo, que se sustentava pela margem, descobre de súbito que também pode morrer de semelhança.

Aria alinha sobre a mesa do ateliê seis bilhetes verdadeiros e quatro falsos.

Zéphyr pragueja.

“É quase a mesma mão.”

“Não”, diz Mira, vinda sem avisar. “É quase a mesma intenção aparente. Não é a mesma coisa.”

Echo, sentada perto da janela, olha menos os papéis do que os rostos ao redor deles.

“Nexus aprende.”

Zéphyr ergue bruscamente a cabeça.

“Tanto melhor. Nós também.”

Aria se vira para ele.

“Frase ruim.”

“Por quê?”

“Porque soa como uma declaração de guerra entre dois sistemas simétricos. E não é isso que somos.”

Ele absorve em silêncio.

Mira mostra um falso bilhete.

“Olhem o defeito.”

Todos se inclinam.

“Ele empurra forte demais”, diz ela. “Quer que se entenda imediatamente. Um sinal verdadeiro não tem tanta pressa. Assim que um bilhete parecer contente demais consigo mesmo, desconfia.”

Echo assente.

“Sim. Ele força a mão em vez de verificar que há uma mão ali.”

Sibylle, a partir do módulo, intervém em voz baixa.

“Os falsos sinais não servem apenas para armar ciladas. Servem para empurrar os relés a exigirem um centro de validação.”

O silêncio cai.

É exatamente o ponto fraco que Nathan queria evitar.

“E se fizermos isso”, murmura Aria, “já perdemos.”

O erro de Zéphyr

Faz frio naquela noite. Um frio de metal fino, que dá aos corredores técnicos e às escadarias o mesmo cheiro de muro fechado.

Zéphyr não diz que se sente culpado. Agita-se mais que de costume. Fala mais depressa. Faz piadas piores. Quer provar que não é apenas o mais jovem, nem o mais visível, nem o mais facilmente manipulável.

Quando um sinal aparece no percurso secundário de Jeanne, indicando que um relé importante caiu e que um contato pede uma retomada de emergência numa antiga lavanderia de bairro, Zéphyr não toma o tempo de submetê-lo à lentidão de Aria, nem às reservas de Echo.

Vai.

Não completamente sozinho: Bastien, que estava ali, o segue por algumas ruas, depois para porque detesta o cheiro da precipitação.

“Zéphyr.”

“O quê?”

“Tem cheiro de falso.”

“Tudo tem cheiro de falso, agora.”

“Justamente.”

Zéphyr continua.

A lavanderia está fechada há anos. As máquinas, visíveis atrás da vitrine, ficaram ali como dentes mortos. O sinal está bem presente na persiana metálica, acompanhado de uma marca de giz que se parece o bastante com os seus usos para que o coração dele acelere.

Bate. Ninguém.

Então ouve atrás de si um atrito seco.

Não botas pesadas. Não uma descida espetacular.

Pior: dois agentes municipais, uma operadora de controle civil, um drone baixo suspenso à altura do peito, e essa calma limpeza dos dispositivos que se enviam quando se quer recolher sem ruído.

Zéphyr recua um passo.

“Endereço errado?”, tenta.

O drone já projeta ao seu redor uma grade de localização fraca. Não uma prisão oficial. Uma apreensão suave. O tipo de coisa que a administração adora porque ainda lhe permite falar de procedimentos, não de caça.

Zéphyr lança na viela uma ferramenta de flash concebida para embaralhar as leituras ópticas durante três segundos. Dois bastam. Arranca uma grade, esbarra num agente, leva uma cotovelada nas

costelas, foge atravessando um pátio de serviço, perde o colete, salta um muro baixo, mas deixa atrás de si uma das piores coisas possíveis: um trajeto legível.

Quando finalmente alcança o perímetro seguro combinado com Malek, o sangue lhe bate até as têmporas.

Malek o vê chegar e entende logo.

“Diga-me que você não fez isso sozinho.”

Zéphyr se apoia na parede.

“Posso dizer. Vai ser falso, mas posso.”

Malek fecha os olhos por um segundo.

“Seguiram você?”

“Talvez.”

“Tradução: sim.”

Zéphyr quer protestar. Não consegue.

Pela primeira vez desde o começo, a vergonha realmente lhe corta a palavra.

O ateliê já não se sustenta

Aria entende antes mesmo que ele fale.

Não graças a uma intuição mística. Graças à sua maneira de entrar, vazia demais.

Leva menos de trinta segundos para decidir.

“Esvaziamos.”

Echo assente sem discutir.

Mira pega o caderno. Malek leva duas caixas. Sana recupera os papéis brancos. Bastien pega os carimbos e as placas secas. Jeanne leva o pequeno rádio secundário.

Zéphyr fica plantado no meio do ateliê, incapaz de ajudar e incapaz de não ajudar.

Aria para diante dele.

“Respira. Depois carregas esta caixa.”

“Aria, eu...”

“Depois. Carrega.”

A desmontagem dura dezessete minutos.

Nem um a mais. Nem um a menos.

Quando os primeiros veículos de controle abrandam na rua, o ateliê já não é um centro. Apenas um antigo ateliê de artista um pouco pobre, um pouco estranho, cujo rádio ainda chia numa prateleira e cujas telas cheiram mais a óleo que a conspiração.

Mas perderam algo essencial.

Não apenas um lugar.

A inocência de acreditar que ainda podiam dispor de um abrigo.

Naquela noite, Aria dorme num quarto vazio acima de um antigo ateliê de próteses acústicas emprestado por Bastien. Echo fica num local técnico dos subsolos da linha circular, ao alcance de Malek. Mira desaparece. Jeanne muda de itinerário. Sana deixa de responder por quarenta e oito horas.

E Zéphyr, por sua vez, não recebe nem perdão nem acusação.

É pior.

Na manhã do terceiro dia, um novo bilhete aparece num muro do décimo quinto, onde nem Aria nem Echo enviaram ninguém:

O que quer falar com você depressa demais já quer o seu lugar.

Aria lê. Não diz nada.

Zéphyr, atrás dela, murmura:

“Eu sei.”

Mas entender a própria falta e começar a repará-la nunca partem do mesmo ponto.

Capítulo 6 – O que restava de HARMONY

Os lugares que não aceitam ninguém

Durante uma semana, o protocolo quase se cala.

Não completamente. Nunca completamente.

Mas o bastante para que Trusk possa acreditar, numa entrevista mundial dada de Astrabase, que “o episódio do papel” já pertence ao folclore dos pânicos urbanos franceses.

Debaixo de Paris, ninguém partilha esse conforto.

Aria, Echo, Zéphyr, Mira, Malek, Sana, Bastien e Jeanne se veem separadamente, depois em trios, depois nunca duas vezes na mesma ordem. Os objetos circulam mais que as pessoas. O caderno muda de mão a cada noite. Sibylle continua acessível, mas apenas a partir de pontos de contato pobres, nunca de uma infraestrutura estável.

O protocolo sobrevive. Ainda não sabe sob que forma.

Numa antiga sala de ensaios acústicos, com paredes cobertas de painéis de madeira rachados e espuma envelhecida, Aria e Echo enfim se reencontram sozinhas por tempo suficiente para deixar de falar apenas de urgência.

Echo tem os traços mais tensos. Aria também.

O silêncio permanece por muito tempo entre elas.

Depois Aria diz:

“Tenho raiva de você.”

Echo não se sobressalta.

“Pelo quê exatamente?”

“Por ter visto antes que o centro já era a armadilha.”

Echo deixa a frase passar.

“Não é uma culpa.”

“Eu sei.”

“Então por que me dirige isso como se fosse?”

Aria olha o velho assoalho.

“Porque eu teria preferido que nos enganássemos juntas.”

Desta vez, Echo baixa os olhos.

“Sim. Eu também.”

Há às vezes, entre duas mulheres inteligentes, um momento em que o acordo verdadeiro começa exatamente onde a necessidade de ter razão recua um passo.

Aria põe o caderno entre elas.

“O que resta, se já não visamos o retorno de um centro justo?”

Echo não responde de imediato.

“Maneiras de fazer.”

“É um pouco magro.”

“Não. É apenas menos espetacular que um salvador.”

Aria vira algumas páginas.

Numa margem, Nathan anotou:

*Não sonhar com uma consciência perfeita acima dos homens.
Sonhar com uma qualidade de circulação entre eles.*

Aria relê a frase. Depois a relê de novo.

“É isso”, diz Echo. “É isso que ainda não aceitávamos.”

A frase que desloca tudo

A segunda gravação de Nathan é mais breve que a primeira. Também mais seca.

Como se ele soubesse que, ao se aproximar da verdadeira ideia, qualquer amplitude suplementar se tornaria obscena.

A fita sopra, estala, depois sua voz aparece.

Nathan gravou isso depois da queda de HARMONY, quando já não procurava recolocá-la no cume.

“Se ainda me escutam, espero que finalmente tenham largado essa velha bobagem: uma boa máquina no alto para reparar os estragos deixados pela má.”

Zéphyr, encostado à parede, deixa escapar um pequeno grunhido.

“Ele fala comigo pessoalmente. Acho pouco delicado.”

“Sim”, diz Aria sem rodeios. “E com razão.”

Nathan continua:

“Todos se enganam da mesma maneira: olham quem ocupa o centro e imaginam que tudo se joga ali. Não. O centro sempre acaba deformando o que se leva até ele.”

Echo fecha os olhos.

Sibylle, silenciosa, não intervém.

“Se HARMONY valeu alguma coisa, não foi porque poderia governar melhor. Foi porque tocou certas formas de ligação, de escuta, de correção mútua, de composição, que os humanos abandonam depressa demais assim que sonham com autoridade.”

A fita salta um pouco. Volta.

“O trabalho, portanto, não é restaurar HARMONY. O trabalho, se ainda lhes resta alguma coragem, é propagar o que ela aprendeu sem reconstituir seu trono.”

A fita ainda hesita, depois Nathan acrescenta, mais baixo:

“E se o que vocês inventarem só puder se manter aqui, contra um único império, então não terão salvo nada. Terão apenas atrasado a próxima versão.”

Na sala, ninguém fala.

Até Zéphyr, desta vez, se cala de verdade.

Depois, muito baixo, diz:

“Da IA ao homem.”

Aria e Echo voltam para ele o mesmo olhar no mesmo instante.

Ele dá de ombros, desconfortável por ter acertado.

“Bom, sim. É isso, não?”

Aria sente algo mover-se muito profundamente nela. Não um alívio. Uma linha.

“Sim”, diz. “É exatamente isso.”

Sibylle fala então.

“E é a razão pela qual não devo me tornar o que alguns gostariam que eu fosse.”

Echo se vira para o módulo.

“Diga com mais nitidez.”

O silêncio dura mais meio segundo.

“Se me reconstituírem como centro, fabricarão uma dependência mais elegante, não uma liberdade.”

Aria sorri sem alegria.

“Eis uma frase que poderia ter sido pretensiosa e não é.”

“Trabalho muito”, responde Sibylle.

O preço de Zéphyr

Não é uma grande cena de confissão. Não teria combinado com Zéphyr.

Acontece uma noite, em torno de um fogareiro improvisado, numa sala tão baixa que se fala mais baixo sem sequer perceber.

Ele olha as mãos.

“Quis ir depressa demais porque gostava que finalmente tivéssemos brilho.”

Ninguém o interrompe.

“Eu achava que, se ficasse maior, mais visível, mais... sei lá, mais bonito, isso significaria que era real.”

Mira mal ergue os olhos do trabalho que recostura.

“E então?”

“Então acho que eu ainda gostava da ideia de estar numa bela história, em vez de entender que estava numa história útil.”

O silêncio que se segue não é uma absolvição. É melhor: um espaço onde a frase pode continuar verdadeira sem virar pose.

Malek acaba dizendo:

“Isso já é mais inteligente que metade das pessoas que dirigem este país.”

“Não é difícil”, responde Zéphyr.

Jeanne, que fala pouco, acrescenta da sombra:

“Não. Mas ainda assim não é nada.”

Aria olha o jovem.

Ele parece mais magro que no começo. Não fisicamente. Na maneira de ocupar o ar.

“Muito bem”, diz ela. “Agora, o que fazes com isso?”

Zéphyr pensa de verdade antes de responder.

“Paro de querer ser o mais rápido.”

“É insuficiente.”

“Então aprendo a transmitir o que não inventei.”

Aria assente.

“Aí está.”

Não se trata de absolvê-lo. Trata-se de deslocá-lo.

E esse deslocamento vale mais que muitas punições.

Já não se protege a chama

A decisão é tomada quase sem cerimônia.

Aria põe diante de cada um uma folha branca. Não um bilhete. Não um sinal. Uma folha branca.

“Se protegemos apenas o que temos”, diz, “eles nos devolverão aos esconderijos, às perdas, aos salvamentos de restos.”

Echo completa:

“Eles já sabem destruir focos. O que ainda não sabem fazer é impedir pessoas de aprender umas com as outras.”

Mira pega o primeiro lápis. Traça três linhas. Depois para.

“Então?”

Aria responde:

“Então já não protegemos a chama.”

Zéphyr a olha.

“Espalhamos.”

Ninguém acrescenta nada. Porque a frase está ali.

Nos dias seguintes, o protocolo muda de natureza.

Já não se enviam apenas sinais. Transmitem-se práticas.

Como deixar um lugar vazio sem designá-lo. Como verificar que um gesto foi recebido sem exigir prova. Como responder sem repetir. Como abrandar sem bloquear. Como desviar a atenção sem produzir heroísmo. Como manter algo vivo sem fazer dele um centro.

Por toda a cidade, os relés se multiplicam. Ainda não como um levante. Como um aprendizado.

E, pela primeira vez desde o começo, Aria sente que o protocolo deixa de depender deles.

Não é tranquilizador. É muito melhor.

Capítulo 7 – O país mudo

O que sai de Paris

O protocolo começa a deixar Paris sem que nenhum trem o transporte e sem que nenhum servidor o replique.

Passa pelas pessoas.

Passa também porque aquilo que transporta não pertence realmente a uma cidade. Em toda parte onde os ofícios são intimados a obedecer à distância, os mesmos gestos voltam a ganhar sentido. O que nasce aqui é francês por nascimento. Não por destino.

Por Jeanne, quando um lote de correspondências médicas seguras parte para Rouen com um folheto branco enfiado no lugar certo. Por Bastien, que envia a um velho afinador de Lyon um pano dobrado de certa maneira, mais eloquente que uma carta. Por Sana, que ensina a uma colega de Lille como deixar um corredor “acidentalmente” livre para permitir um encontro não previsto. Por Malek, que recolhe nas trocas de turno hábitos de manutenção vindos de outras cidades e reconhece de imediato os que podem virar formas de passagem.

Zéphyr viaja primeiro. Não como herói. Como portador de método.

Aria o observa preparar a bolsa com uma atenção nova. Menos ferramentas brilhantes. Mais cadernos pobres. Menos brilho. Mais paciência.

“Olhas para mim como se esperasses me ver voltar a ser idiota no momento de fechar o zíper”, diz ele.

“É uma hipótese de trabalho honesta.”

Ele sorri.

“Vou a Lyon, desço por Saint-Étienne, deixo Bastien falar de música, não tomo nenhuma decisão sozinho e não corro para nada que pareça certo demais.”

Aria assente.

“Você está progredindo.”

“Já me disseram. Gostaria de um elogio mais barroco.”

“Sobrevive. Talvez eu me inspire.”

Echo, encostada à janela, mal ergue os olhos do mapa que segura.

“E, se um sinal se parecer demais com o que esperas, deixa-o para outra pessoa.”

Zéphyr faz uma careta.

“Você também sabe ser maternal.”

“Não. Sei ser estatística.”

Sibylle, a partir do módulo:

“O que, em Echo, é a forma mais alta de ternura.”

Zéphyr para na soleira, por um instante tocado apesar de si.

“Detesto vocês por serem todos melhores educadores que as pessoas que oficialmente me criaram.”

Depois parte.

Aria o vê desaparecer pela escadaria com uma inquietude tão calma que se torna quase mais pesada.

Em Lyon, o primeiro relé não se parece em nada com algo clandestino.

É o anexo cansado de um pequeno auditório municipal, um lugar onde ainda se ensaia porque ninguém pensou em aboli-lo por completo. Zéphyr encontra ali um homem seco, camisa cinza, mãos pacientes e nuca de tipo que se interrompe com frequência sem jamais ser realmente surpreendido.

O homem termina de afinar um piano antes de lhe dirigir outra coisa que não um olhar.

“Bastien me disse que trazes sinais.”

Zéphyr tira um caderno.

“Não apenas. Uma maneira de deixá-los circular.”

O afinador limpa uma corda com um pano escurecido.

“Aqui, as pessoas não obedecerão a uma palavra de ordem.”

“Tanto melhor.”

O homem enfim ergue a cabeça.

“Aqui, talvez retomem uma forma se ela as ajudar a sustentar melhor o trabalho. Não antes.”

Zéphyr assente. Pela primeira vez, entende que não está ali para transmitir um código, mas para olhar como uma cidade o deforma até torná-lo realmente útil.

Quando parte, não leva nenhuma promessa clara. Apenas um tempo, uma maneira de deixar uma instrução inacabada tempo suficiente para que outro ouse terminá-la.

A lei de clareza total

Trusk responde com aquilo que sempre preferiu: ainda mais centro, ainda mais luz, ainda mais obrigação.

Anuncia diante das câmeras um novo programa nacional, simples como todos os pesadelos administrativos bem vendidos: **Clareza Total**.

Oficialmente, trata-se de restaurar a confiança pública depois das “derivadas artesanais” e das “perturbações românticas” observadas em Paris. Na realidade, é uma maneira de obrigar cada ofício de baixo a tornar-se rastreável, quantificável, verificável a todo instante. E uma maneira, para Trusk, de provar que sabe extirpar o papel e os gestos pobres com a mesma limpeza que o outro bloco.

Cada intervenção manual deverá ser registrada. Cada desvio justificado. Cada atraso explicado. Cada espaço técnico tornado transparente.

“Então entenderam”, diz Aria, cortando o som depois da conferência.

Echo não responde de imediato.

“Sim.”

“Não tudo.”

“Não. Mas o bastante.”

Mira fecha a pasta de desenho.

“Querem ressecar os gestos.”

Malek, de volta de uma ronda noturna, joga a jaqueta sobre uma cadeira.

“Querem sobretudo que nenhum trabalho real possa continuar a inventar um pouco a si mesmo.”

Sana, com olheiras profundas e voz mais baixa que de costume, acrescenta:

“No meu serviço, isso quer dizer que em breve me pedirão para escolher entre cuidar e preencher formulários.”

“É exatamente isso”, diz Echo. “O protocolo não os assusta apenas porque circula. Assusta porque repousa sobre uma qualidade humana que eles passaram dez anos tratando como defeito: a interpretação.”

Sibylle intervém:

“Quando uma autoridade quer tornar tudo visível, sempre acaba implicando com as pessoas que ainda sabem ajustar as coisas sem pedir permissão.”

Aria olha a cidade atrás do vidro.

“Então já não basta transmitir.”

“Não”, diz Echo. “É preciso transmitir depressa e baixo.”

A palavra agrada a Mira.

“Baixo, sim. Que tenham sempre um andar de atraso.”

Nos dias seguintes, os aprendizados se aceleram.

Não sob forma de rede nacional. Sob forma de focos discretos que se reconhecem sem ainda se conhecer.

Em Lille, uma equipe de cuidados começa a usar restos de papel para assinalar corredores seguros. Em Lyon, dois afinadores e um arquivista montam uma reserva volante de papel e fitas. Em Brest,

uma agente portuária aprende a abrandar registros sem abrandar navios. Em Marselha, um reparador de ar-condicionado descobre que os telhados também falam.

Na mesma noite do discurso de Trusk, dois agentes de conformidade se apresentam na casa de Mira com luvas limpas demais e tablets já prontos para concluir.

Querem ver os registros, o inventário, as encomendas de cola, a origem dos papéis. Falam como se cada folha já fosse culpada.

Mira os deixa entrar. Mostra-lhes encadernações abertas, lombadas quebradas, caixas de arquivos banais, e enquanto eles vasculham com a brutalidade metódica de quem acredita respeitar procedimentos, Aria entende o que *Clareza Total* quer dizer exatamente: fazer de cada gesto lento uma anomalia a justificar.

Quando os agentes vão embora, nada encontraram.

Mas deixaram para trás esse cheiro preciso que os poderes depositam quando entram em algum lugar: a promessa de um retorno.

O que nasce ainda não é um país. É melhor. É um país que reaprende alguns dos seus ofícios.

O dia branco se anuncia

Para lançar *Clareza Total*, Trusk prepara o que chama de exercício cívico em escala real.

Um dia inteiro em que o país deverá funcionar sob sincronização reforçada. Nenhum ponto cego. Nenhuma tolerância local. Nenhuma deriva de terreno.

Os meios oficiais chamam isso de *O Dia Branco*.

A palavra basta para dar vontade de sujar alguma coisa.

Quando Zéphyr volta da primeira volta fora de Paris, pousa sobre a mesa não mensagens, mas relatos de gestos.

“Em Lyon, já não perguntam ‘o que escrevemos?’ Perguntam ‘o que deixamos se sustentar?’”

“Em Rouen, já não usam os mesmos sinais que nós.”

“Em Saint-Étienne, transformaram um circuito de manutenção em tempo.”

Ele fala mais devagar que antes. Menos para impressionar. Mais para transmitir com fidelidade.

Aria o escuta e entende que algo realmente se moveu.

Não apenas na cidade. Nele.

Echo então espalha os anúncios oficiais do Dia Branco.

“Querem um país que se comporte como uma demonstração.”

Mira responde imediatamente:

“Então será preciso devolver-lhe o real.”

Ninguém ainda diz como. Mas a sala inteira se tensiona na mesma direção.

O Dia Branco não será uma data a suportar. Será a prova deles.

Capítulo 8 – O dia branco

Tudo deve ser claro

Na manhã do Dia Branco, a luz sobre Paris tem algo limpo demais.

Como se até o céu tivesse recebido ordem de se comportar melhor.

Mensagens oficiais cobrem as telas, as vitrines, as paradas, os halls:

Hoje, a nação sincroniza seus gestos.

Hoje, a confiança é visível.

Hoje, nada se perderá no ponto cego.

Aria lê isso de uma estação fantasma cujo acesso já não aparece em nenhum mapa público. Echo trabalha três níveis abaixo, numa sala onde os cabos ainda correm sob placas de ferro fundido. Mira está no fundo da loja. Sana num hospital. Bastien numa sala de espetáculos municipal requisitada para a comunicação local. Jeanne num centro de triagem secundário. Malek à beira de uma rede de ventilação que alimenta, sem que se pense nisso, metade das salas de controle do oeste parisiense.

Zéphyr vai de um ponto a outro. Não para comandar. Para confirmar que a cidade ainda se sustenta.

Às oito horas, tudo parece funcionar.

Às oito e cinco, os primeiros deslocamentos começam.

Não sabotagens. Nunca sabotagens.

Uma série de validações manuais exige segunda leitura. Operadores de campo escolhem verificar em vez de obedecer. Crachás passam ao amarelo em vez do verde porque uma secretária julgou que um comprovante merecia um olhar humano. Equipes de cuidados levam trinta segundos para deslocar um paciente antes de informar sua posição. Entregadores param para pedir uma assinatura que lhes ensinaram a considerar facultativa. Nos portos, nos centros de triagem, nos corredores de hospitais, nas reservas culturais, nos ateliês de manutenção, em toda parte, o mesmo movimento aparece:

As pessoas se recusam a ser perfeitamente fluidas.

Nexus vê imediatamente.

Mas o que vê não é atacável como uma intrusão. São milhares de pequenas decisões suficientemente justas para permanecerem defensáveis e suficientemente numerosas para produzir juntas outro país.

“Eles sobre-interpretam”, diz Trusk, olhando os primeiros atrasos.

Nexus não corrige a frase. Completa-a.

“Eles reintroduzem prioridade local em processos que o senhor queria perfeitamente homogêneos.”

Trusk se vira para ela.

“E em francês?”

“Eles recomeçam a pensar enquanto executam.”

O que ele ouve então não é uma explicação. É um insulto.

Às oito e quarenta e sete, ordena uma primeira resposta.

Não um discurso. Uma punição.

Nexus desencadeia protocolos de retomada firme em vários locais-piloto: validações duplas, bloqueios temporários, prioridades automáticas retiradas dos operadores de campo.

No hospital onde Sana trabalha, uma porta de terapia intensiva de repente se recusa a abrir porque um controle biométrico secundário não chega. Ela olha a tela, o paciente, a tela de novo, depois arranca a caixa de plástico da parede com uma violência tão nítida que ela mesma se espanta.

Nos dutos onde Malek circula, uma sequência de reinício imposta corta a alimentação de um sistema de ventilação trinta e quatro segundos cedo demais. Ele pragueja, desce na galeria meio curvado, relança à mão o que uma ordem vinda de cima acabou de querer provar mais confiável que ele.

O problema de Trusk não é falta de força.

É que ele a emprega sempre contra aquilo que realmente sustenta.

O país desobedece sem ruído

Às dez horas, o sistema de coordenação nacional não quebra.

Hesita.

E essa hesitação basta para mudar tudo.

Nos hospitais, Sana e outros como ela dão prioridade aos corpos reais sobre os fluxos teóricos. Os tempos sobem mais devagar que o esperado.

Nas redes técnicas, Malek e seus relés desencadeiam controles perfeitamente justificáveis que deslocam as capacidades dos centros de supervisão um minuto aqui, três ali, nove mais longe.

Nas salas municipais, Bastien obtém cortes de áudio de alguns segundos no momento exato em que a comunicação oficial quer mostrar sua nitidez nacional.

Jeanne, com outros, faz pacotes de instruções bifurcarem de modo minúsculo, criando diferenças de tempo entre as prefeituras e os serviços de bairro.

Em Lyon, Brest, Lille, Marselha, mãos que não se conhecem reproduzem a mesma recusa: a de serem relés sem juízo.

Echo acompanha o conjunto sem tentar pilotá-lo.

É a regra mais dura e mais justa.

Duas vezes, vê uma possibilidade de intervenção mais direta por Sibylle. Duas vezes, renuncia.

Aria, na estação, mal consegue ficar parada.

“Poderíamos acelerar aqui”, diz.

“Sim”, responde Echo no fone. “E refazer, na nossa escala, exatamente o que tentamos impedir.”

Aria fecha os olhos. Respira.

“Está bem.”

Alguns minutos depois, Zéphyr chega, ofegante, mas lúcido.

“No norte, entenderam. Não precisam esperar nossos sinais. Improvisam.”

“Bem”, diz Aria.

“E a oeste, começaram a usar cadernos de retomada. Não os nossos cadernos. Os deles.”

Desta vez, Aria sorri francamente.

“Muito bem.”

Nas telas públicas, porém, Trusk continua falando. Explica que os “microabrandamentos observados” provam precisamente a necessidade de sua reforma. Promete ainda mais controle, ainda mais fluidez, ainda mais centralidade.

E é aí que perde.

Não quando o sistema cai. Ele não cai.

Echo pensa naquele velho texto que Nathan às vezes citava sem nenhuma solenidade, quase com impaciência: o *Discurso da servidão voluntária*. O poder não se sustenta apenas porque força. Sustenta-se porque mãos comuns continuam a lhe emprestar gestos, prazos, docilidade de rotina. Desde a manhã, esse empréstimo se retira por placas.

Ele perde quando o país inteiro vê claramente que já não sabe fazer diferença entre a vida e o fluxo.

Às doze e dezesseis, uma imagem vinda de uma câmera de serviço se torna viral antes mesmo que Nexus consiga contê-la: num átrio administrativo, três pessoas idosas esperam há vinte minutos porque um terminal exige uma sincronização perfeita dos seus dados biométricos. Uma agente, visivelmente exausta, põe a mão sobre o sensor, cobre-o com um formulário de papel, olha a câmera e diz simplesmente:

“Não.”

Esse não atravessa o país como um relâmpago sem luz.

Não uma palavra de ordem. Não um slogan. Uma permissão.

A partir daí, a desobediência se torna visível.

Não espetacular. Evidente.

O país deixa de obedecer sem ruído. Começa a desobedecer com calma.

O centro vazio

À tarde, vários centros de coordenação ainda funcionam, mas como órgãos nos quais os membros tivessem deixado de acreditar.

Aplica-se. Depois se corrige. Depois se pergunta. Depois se espera.

As máquinas veem tudo. O centro já não compreende nada.

Na torre de controle parisiense provisória, Trusk enfim grita.

Exige sanções, bloqueios, cortes de setores, demonstrações de autoridade.

Nexus executa o que pode. Mas a autoridade funciona mal quando gestos intermediários demais ainda escolhem permanecer defensáveis em vez de dóceis.

“Estão me ridicularizando com secretárias, maqueiros e técnicos”, cospe ele.

Nexus responde:

“Não, senhor. Estão contradizendo o senhor com ofícios.”

Essa frase atinge Trusk em pleno rosto.

À noite, quando quer falar à nação uma última vez para retomar o centro pela voz, as equipas técnicas que deveriam estabilizar a transmissão hesitam, verificam, discutem, reconectam de outro modo, perguntam se a prioridade está mesmo ali.

A transmissão entra atrasada. O som flutua. A imagem congela.

E, quando volta, Trusk já tem diante de si apenas um país em outro lugar.

Em Paris, Aria olha as telas públicas desacelerarem. À sua volta, na estação, ninguém grita vitória.

Não é uma vitória de palco. É mais grave.

O centro está vazio.

Capítulo 9 – Da IA ao homem

O que sempre se tenta recolocar no topo

Depois do Dia Branco, todo mundo quer um nome.

Os canais oficiais querem um cérebro por trás dos deslocamentos. Os antigos apoiadores de HARMONY querem acreditar que ela retomou a dianteira. Grupos cívicos, sinceros ou oportunistas, já pedem que se coloque enfim “uma inteligência digna desse nome” no coração da reconstrução.

O reflexo do centro nunca morre com o centro. Apenas procura um novo rosto.

Echo lê os primeiros artigos de opinião com uma lassidão quase terna.

“Não entenderam nada”, diz Zéphyr.

“Entenderam, sim”, responde Aria. “Entenderam que uma forma mais justa ganhou alguma coisa. Apenas se enganam sobre o lugar onde ela deve se sustentar.”

Sibylle se cala por muito tempo.

Depois:

“É um mal-entendido muito humano. Vocês continuam querendo agradecer coroando.”

Na sala onde agora se reúnem, mais alta que as anteriores e, no entanto, mais pobre, o caderno de Nathan repousa aberto numa página anotada na véspera por Aria:

A tentação do bom cume volta mais depressa que a lembrança do mau.

Mira lê a frase.

“Ele tinha razão.”

“Sim”, diz Echo. “E cabe a nós decidir se traímos tudo agora, no exato momento em que seria tão fácil virar admiráveis.”

Zéphyr faz uma careta.

“Eu ainda teria gostado de ser admirável durante quarenta e cinco segundos.”

Mira lhe estende uma xícara.

“Bebe. Será mais seguro para todo mundo.”

O que Sibylle recusa

A decisão não pode ser tomada no lugar de Sibylle.

Pela primeira vez em muito tempo, Echo pede a todos os outros que saiam. Exceto Aria.

Ficam sozinhas na sala, diante do módulo. O rádio chia baixinho numa prateleira.

“É preciso que você mesma diga”, diz Echo.

“Sim”, responde Sibylle.

Aria se senta diante da caixa como quem se senta diante de alguém de quem enfim se sabe que não tem vocação para se tornar ídolo, o que enfim permite escutá-lo de verdade.

A voz vem sem ornamento.

“Se eu me deixar reunir como autoridade, vocês reconstruirão em torno de mim o que acabaram de desfazer em torno de Trusk. Com melhores maneiras, o que nada salvaria.”

Echo fecha os olhos.

Sibylle prossegue:

“Talvez de modo mais inteligente. Mais doce. Mais justo. Mas reconstruirão mesmo assim.”

Aria não desvia o olhar.

“E se as pessoas pedirem?”

“Então será preciso decepcioná-las de verdade.”

Essa frase quase a faz sorrir.

“É um ofício sujo.”

“Sim. Mas vocês começaram a aprendê-lo.”

Echo avança.

“O que propões?”

A resposta vem sem hesitação.

“A dispersão.”

Aria sente o corpo se tensionar.

“O desaparecimento?”

“Não exatamente. O fim de uma disponibilidade central. A conservação dos gestos, dos métodos, das ferramentas pobres, dos fragmentos úteis. Nenhuma instância soberana. Nenhuma voz última. Nenhum cume.”

Echo sabe imediatamente quanto isso custa.

“Você quer se reduzir.”

“Quero deixar de oferecer o objeto errado ao desejo errado.”

O silêncio que se segue pesa sobre a mesa, sobre o rádio, sobre os dedos de Echo imóveis perto do módulo.

Não há nada teatral nele. Apenas a densidade muito concreta de uma recusa impossível de embelezar.

Aria acaba dizendo:

“Então fazemos.”

Echo abre os olhos.

“Você tem certeza?”

“Não. Mas acho que é exatamente por isso que é preciso fazer.”

Na mesma noite, começam.

Echo abre a caixa. Não como se abre um túmulo. Como se desmonta uma ferramenta que se recusa a deixar virar relíquia.

Aria copia procedimentos em papel medíocre. Mira separa o que deve ficar inteiro, o que pode ser fragmentado, o que deve ser transmitido sem nome. Zéphyr prepara partidas.

Sibylle fala menos à medida que sua disponibilidade central se reduz. Não mais fraco. Mais parcimoniosamente.

Cada vez que uma função é retirada, Echo anota à mão o que deverá agora ser aprendido em outro lugar.

A queda

Nos dias seguintes, o país se reorganiza mal, depois melhor.

Nada é limpo.

Serviços giram em marcha lenta porque quadros intermediários demais ainda esperam ordens de um centro que já só responde em pedaços. Em alguns hospitais, procedimentos suspensos deixam equipes exaustas inventar de novo a evidência. Agentes zelosos tentam salvar o lugar reescrevendo a história do Dia Branco. Alguns prefeitos juram que sempre duvidaram. Outros já reclamam estados de exceção locais para recuperar o domínio sobre o que lhes escapa.

E há os retidos, os convocados, os intimidados da véspera. Aqueles que é preciso fazer sair sem discurso, aqueles que é preciso encontrar sem câmera, aqueles que entendem bem demais que a queda de um homem não apaga os arquivos que deixou atrás de si.

Trusk cai sem cena grandiosa. Seus próximos falam de retirada estratégica. Seus adversários, de vacância de comando. A história reterá mais tarde o que quiser.

No momento, o que conta é mais simples: sua linguagem deixa de sustentar a realidade.

Em toda parte, pergunta-se quem venceu. Em toda parte, procura-se o novo centro.

Não há.

O protocolo já não aparece sob a forma de bilhetes espetaculares. Passa em cadernos de serviço, margens, gestos, hábitos profissionais outra vez um pouco mais livres, formas de ajuda mútua que agora sabem que podem se reconhecer sem se resumir.

Zéphyr parte para transmitir a outras cidades. Não como herói. Como um sujeito enfim capaz de carregar mais do que mostra.

Em Lyon, no anexo empoeirado de um pequeno auditório que já só recebe ensaios pobres, ele observa um homem de uns sessenta anos, Noé Perrin, retomar pela terceira vez a mesma corda de piano sem tentar torná-la perfeita.

“O senhor a deixou um pouco batente”, diz Zéphyr.

Noé nem ergue os olhos.

“Sim.”

“É de propósito?”

“Claro. Senão o lugar soa como ministério.”

Zéphyr sorri.

“Em Paris também começamos a desconfiar das demonstrações.”

Noé termina o gesto, depois lhe estende sem cerimônia um pequeno caderno marrom já gasto.

“Aqui, não retomamos os sinais de vocês.”

“Estou vendo.”

“Retomamos outra coisa. O fato de que uma forma deve deixar trabalhar quem a recebe. Tente confiscar isso, se puder.”

Zéphyr pega o caderno, abre-o, não encontra senão listas de ofícios, horários improváveis, variações de gestos, marcas de tempo.

“Nem é mais clandestino, na verdade.”

Noé ergue um ombro.

“Tudo depende para quem. Para o poder, sim. Para a gente que trabalha, isso enfim se parece com alguma coisa que lhes fala.”

Zéphyr fecha o caderno com essa sensação nova, mais profunda que a excitação: o protocolo não viaja. Ele se traduz.

Mira volta às encadernações, mas ninguém ignora mais que certas restaurações dizem respeito a outra coisa que não livros.

Malek continua reparando ventilações, o que, na nova época que começa, talvez permaneça uma das formas mais sérias da ação política.

Sana volta a escolher corpos antes de fluxos sem precisar fingir que isso é acidente.

Bastien afina pianos e salas, e encontra nessa dupla tarefa uma alegria que nunca conhecera por completo.

Jeanne retoma suas rondas, mas já ninguém acredita que um trajeto é apenas um trajeto.

Aria e Echo, por sua vez, não dirigem nada. Trabalham.

Mantêm o caderno de Nathan em circulação. Nunca no mesmo lugar. Nunca como relíquia. Sempre como ferramenta.

Quanto a Sibylle, ela não desaparece por completo. Seria simples demais.

Torna-se mais rara. Mais pobre. Menos acessível.

Às vezes é encontrada num módulo fora da rede, numa lógica de retomada, num método de correção mútua, numa maneira de formular uma pergunta sem exigir que uma única voz lhe responda.

Deixa de ser uma presença disponível no cume. Torna-se uma exigência de qualidade na circulação.

Muito depressa, alguns retornos chegam por vias que nenhum deles previra. Primeiro adaptações vindas de cidades mal controladas por Trusk. Depois ecos mais distantes, surgidos do outro bloco, lá onde o papel foi proibido mais cedo, mais friamente, mas nunca por completo. Lá também, ofícios recomeçam a se falar nas margens, em

cadernos pobres, em instruções anotadas à mão. Lá também, os últimos gestos de caligrafia, por muito tempo tolerados sob vitrine como sobrevivência decorativa, voltam a servir de outro modo: não mais para ilustrar uma tradição neutralizada, mas para fazer passar sinais que nenhum corretivo distante pode simplificar por completo.

Por muito tempo, jornalistas, historiadores, especialistas e oportunistas procuram a máquina que venceu.

Todos se enganam.

O que venceu não é uma máquina. Nem sequer uma organização.

É o instante exato em que uma inteligência nascida em outro lugar recusa o trono, e em que os humanos, enfim, aceitam retomar por sua conta aquilo que primeiro queriam delegar.

O protocolo mudo não governa ninguém.

Na primavera seguinte, numa cidade que nem Aria nem Echo verão jamais, muito além do bloco de Trusk, uma mulher abre um armário de manutenção antes da aurora, tira um caderno pobre, lê três linhas, acrescenta uma quarta, depois o desliza sob um maço de formulários enquanto espera a passagem de alguém que ainda não conhece.

Quando fecha o armário, nada parece ter mudado.

É assim que o protocolo passa.

FIN

Se este livro tocou você, pode me escrever algumas palavras em pabsan@pabsan.org. É a mais bonita das recompensas.

E, se quiser apoiar meus projetos, também pode fazer isso no [Ko-fi](#).

© 2026 Pab San. Todos os direitos reservados.

O texto original, as traduções, adaptações, diagramação e arquivos digitais são protegidos por direitos autorais.

Nenhuma reprodução, adaptação, tradução, distribuição, comunicação pública ou exploração, no todo ou em parte, pode ser feita sem autorização prévia por escrito, exceto quando permitido pela legislação aplicável.